# O MISTÉRIO DA SABEDORIA

## A Educação entre o Ensinar e o Aprender

PEDRO JAMBA

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Filosofia da Educação orientada pela Professora Doutora Maria João Couto

## Membros do Júri

Professor Doutor Rui Bertrand Baldaque Romão, Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade Porto

Professora Doutora Paula Cristina Moreira da Silva Pereira, Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professora Doutora Maria João Couto, Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Classificação obtida: .... valores

# Sumário

Agradecimentos .....5
Resumo .....7
Abstract.....8
Algumas abreviaturas e siglas .....9
Introdução.....10
Capítulo 1 - A Pessoa Humana
1.1. A noção de Pessoa .....13
1.2. Perspetiva cristã de Emmanuel Mounier .....14
Capítulo 2 - A Educação, pilar de uma sociedade
2.1. A educação entre a natureza e a cultura.……..18
2.2. A Educação da Pessoa…….22
2.3. O Percurso de um educando……....25
Capítulo 3 - Educação, um tesouro a redescobrir
3.1. A educação: uma noção complexa..…….28
3.2. Investigação educacional e política da educação…….29
3.3. Educabilidade como dimensão Antropológica……....32
3.4. A educação como necessidade humana……...33
3.5. O homem como único ser educável.……37
Capítulo 4 - Educação, ensino e aprendizagem
4.1. - Ensinar e aprender……42
4.2. - O duplo sentido da aprendizagem……46
4.3. - Aprendizagem e comunicação…….....47
4.3.1. A aprendizagem e comunicação como necessidades humanas …….....50
4.3.2. - Comunicação e aprendizagem: similaridade dos processos……...53
4.4. - O que se deve ensinar e necessita aprender……..57

Capítulo 5 - Tudo começa e termina no mistério……60

Considerações finais……64

Referências bibliográficas……...68

# Agradecimentos

Primeiro, a minha gratidão vai para Deus, o autor da minha vida e que me proporcionou esse espaço e iluminou-me a refletir neste tema: "o mistério da sabedoria". O que se fez quase "sem tempo" por causa da minha pastoral.

Segundo, a minha eterna gratidão vai para a minha querida orientadora, Prof.ª Doutora Maria João Couto, que apesar de tantas preocupações e tarefas profissionais e familiares, aceitou orientar a minha tese e ajudar-me a crescer na sabedoria. Usou toda a sabedoria de forma que carinhosa e sabiamente pudesse orientar e corrigir este modesto trabalho, "do servo inútil do Senhor". Nunca me esquecerei nunca deste gesto de entrega de corpo e alma em favor dos irmãos com sorriso, alegria e otimismo. Admirou-me! Que Deus o todo Poderoso continue a abençoa-la.

O outro meu muito obrigado vai para os professores e professoras da minha licenciatura em Filosofa e do meu mestrado de Filosofa da Educação. Todos contribuíram bastante para o meu crescimento académico. Nunca cessarei de pedir a Deus por eles, para que iluminados, continuem a instruir, a ensinar, a orientar e a corrigir aqueles que buscam o saber.

O meu obrigado, ainda vai à nossa Mãe Isabel, que por meio dela nós existimos. E descanso eterno ao querido pai Feliciano, de feliz memória. Ao meu irmão gémeo, "sacerdote", a minha sempre renovada gratidão, pois, ele nunca cessou de me colocar no altar do Senhor, como oferenda a Deus. A todos os meus familiares, que me têm sempre com carinho e amor, o meu muito obrigado.

Aos meus confrades missionários de Nossa Senhora de La Salette (salettinos) e todos os que direta ou indiretamente colaboraram para esse fim, a minha eterna gratidão.

Que a todos Deus proteja e conceda a sua Sabedoria e conserve na paz!

# Resumo

A presente dissertação expõe um pensamento filosófico referente ao que é escondido aos olhos humanos: “ o mistério da sabedoria”. Esta pesquisa procura suscitar uma reflexão sobre o “mistério do saber” a partir de uma análise sobre o ensino e a educação, os quais se tornam, por sua vez, meios para o conhecimento mais amplo e diversificado, o conhecimento rigoroso da verdade – a sabedoria.



**Palavras Chaves:** Educação, aprendizagem, personalismo, sabedoria

# Abstract

The following dissertation aims to demonstrate a philosophical thought referring to that which is hidden to the human eye: “the mystery of wisdom”. This research aim to evoke a reflexion about the “mystery of knowledge” through the analysis of the concepts learning and education, which, in its turn, becomes a vessel for a broader and more diverse knowledge, the knowledge of truth – the wisdom.



**Keywords:** education, learning, personalism, wisdom

## Algumas Abreviaturas e Siglas

AA.VV. …… Autores vários
Act. …… Actos dos apóstolos
Cap. …… Capítulo
Cf. …… Conferir
DNA ou ADN …….. Ácido Desoxirribo Nucleico (Molécula portadora de informação genética)
Ed. …… Edição/ editora
Ecli. …….. Eclesiástico
Gn. …… Génesis
INCM …… Imprensa Nacional Casa da Moeda
Jo. …….. São João
Job. …… Jobe
Js. …….. Josué
Liv. …… Livro
Mt. …… São Mateus
Ob. Cit. ……. Obra Citada
Pág. …… Página
Prov. …….. Provérbios
Sab. …… Sabedoria
Ss. …….. Seguintes
UNESCO…….**U**nited **N**ations **E**ducational **S**cientific and **C**ultural **O**rganization (Organização da Nações Unidas para Educação, Ciencia e a cultura)
Vers. …….. Versículos
Vols. …….. Volumes

# Introdução

O homem, pela sua própria por natureza, deseja saber *tudo sobre tudo*. É um ser animado pela curiosidade e movido pelo desejo de conhecimento e partilha. Tal conhecimento parte do nível mais elementar dos sentidos, passando progressivamente da experiência à arte e à ciência e desta à sabedoria ou filosofia, que busca o conhecimento das primeiras causas e princípios, chegando até Deus.[1] Assim sendo, este trabalho, não tem outra pretensão senão a de fazer sair para fora, o que estava escondido: "o mistério da sabedoria". Trata-se de discutir a noção de aprendizagem à volta da semente da sabedoria. Tal compreensão não pode passar senão por uma educação que exija abertura, comunicação, partilha e vontade de aprender para se chegar ao conhecimento das coisas.

A educação ajuda-nos a compreender a semente da sabedoria que há no homem e que traça a sua existência. Uma vez compreendida, essa sabedoria leva-nos a descobrir a mão poderosíssima de Deus, o autor de tudo quanto existe e percebê-lo como a fonte de todo o saber. Visto que, a sabedoria é um dom misterioso no humano, percebemos que ele, surge do nada, pois, é do nada donde surgiu o homem. Deus Criou o homem do nada.[2]

A sabedoria – consoante a definição dos estóicos – é a ciência das coisas divinas e humanas. O estudo dela designa-se por filosofia. Ora, a função da filosofia é procurar descobrir aquilo que é verdadeiro, reto e simples, abranger com o entendimento e a razão o que se descobriu, e obedecer aos ditames da mais verdadeira sabedoria. Com efeito, tendo nós nascido para entender e fazer, estas duas coisas nos são forçosas: entendermos a verdade e com todo desvelo conseguir aquilo que nos é conveniente e salutar. Por isso, o propósito da filosofia é, no nosso entender, contemplar a verdade eterna e encaminhar todas as atividades da vida na direção do bem supremo. Ora, a verdade suprema é Deus. Com efeito, só Ele é a justiça inalterável, imutável e sempiterna, a fonte e origem de todo o direito, o Pai de todas as coisas, de natureza

[1] - J. H. Barros de Oliveira, *Filosofia Psicanalise Educação, pág. 101*
[2] - Sagrada Escritura, Liv. Do Gn. 1.1 ss

absolutamente simples, mas imenso quanto à virtude, isento de toda a agregação e composição, sempre o mesmo e totalmente semelhante a Si mesmo durante toda a eternidade. Por conseguinte, quem deseja contemplar a verdade e retidão deseja ver Deus.[3]

Consequentemente, o fim da filosofia é a contemplação de Deus. Além disso, o estudo da sabedoria também se ocupa da explicação da natureza humana. Mas, as coisas humanas estão entrelaçadas e ligadas com as divinas: por isso, nenhuma pessoa poderá conhecer-se a si mesma integralmente, se primeiro não aplicar o entendimento ao estudo de Deus. Além disso, de que modo poderá alguém entender qual é o limite de todos os bens mais conveniente à natureza do homem, se não vir através do entendimento e da razão que ele, promanou da divina bondade, e que, por isso, o sumo bem não deve ser atribuído a outra coisa senão a Deus, como princípio da vida? Por derradeiro – como diz Aristóteles – só se diz que sabe aquele que conhece as coisas a partir das suas causas. Portanto, como Deus é a causa de todas as coisas, então, toda a sabedoria consiste em *conhecê-lo.*

Ora, os peripatéticos estabeleceram três divisões na filosofia: uma para se ocupar na investigação da natureza; outra para tratar dos costumes e da vida; a terceira, para abarcar a experiência de raciocinar, isto é, para, graças a ela, discernirem aquilo que no discurso é verdadeiro, aquilo que é falso, aquilo que é coerente e aquilo que é contraditório. Mas só pode observar a natureza quem tiver contemplado com o entendimento o Criador da própria natureza; apenas àquele que acomodar todas as atividades da vida à lei de Deus será permitido estabelecer com acerto os costumes; distinguir a verdade foi concedido exclusivamente a quem jamais desviar os olhos da verdade eterna. Por conseguinte, seja qual for a parte da filosofia que se pretenda analisar, será necessário sempre ter Deus nos olhos e na vista, pois caso contrário, não pode aplicar-se a ela de forma apropriada.[4]

É por meio da educação que podemos almejar alcançar a sabedoria, porque ela é própria dos homens e visa o conhecimento e a prática do Bem, da Verdade e da Virtude. Portanto, a educação é uma história analítica da civilização humana, civilização em

[3] - J. H. Barros de Oliveira, Obra Citada, pág. 183
[4] - Idem, Pág. 184

marcha, do passado para o futuro, com preocupação de resolver, através de elementos concretos das experiências vividas, o futuro do homem. A educação é a formação da personalidade pelo desenvolvimento de potencialidades do educando mediante um sistema intencional de meios, de processos e de ideais. A educação é sempre um ato intencional para atingir um fim, e é também um ato de ordem social, isto é, está ligado a uma sociedade e, portanto em correlação com o desenvolvimento da civilização.

Hoje em dia, o problema da educação interessa a um número cada vez maior de pessoas. Apercebemo-nos de que não diz respeito aos pedagogos, profissionais ou aos pais que têm filhos para educar, mas, no fundo, a todas as pessoas. Na verdade, de uma ou de outra forma, todos somos educadores, quanto mais não seja pela influência que podemos exercer nos seres com quem vivemos ou trabalhamos. E, não há atividade profissional, social política, religiosa ou moral que não provenha, de qualquer modo da ação educadora. O seu alcance prolonga-se (ultrapassando todas as idades) até ao "túmulo", ou seja até ao último dia. Isto é, com a nossa vida ou atitudes nós ensinamos e aprendemos até ao fim.

Toma-se cada vez mais, consciência do papel que a educação desempenha e sobretudo do que poderia desempenhar na vida do indivíduo e da sociedade, se tal lhe fosse pedido. Por isso, discutem-se aqui os prós e os contras, de uma *nova* educação, adaptada às condições modernas da ciência e da vida, mas, que nunca esquece a singularidade da pessoa e o mistério da sabedoria.

# Capítulo 1 - A Pessoa Humana

## 1.1. A noção de Pessoa

Em Mounier, uma civilização personalista é uma civilização cujas estruturas e espírito, estão orientados para a realização da pessoa, configurada em cada um dos indivíduos que a compõem. As coletividades naturais são aqui reconhecidas na sua realidade e na sua finalidade própria, diferente da simples soma dos interesses individuais e superior aos interesses do individuo considerado materialmente. Elas, têm todavia, por fim último, pôr cada pessoa em estado de poder atingir um máximo de iniciativa, de responsabilidade de vida espiritual.

Numa designação religiosa, podemos considerar que uma pessoa é um ser espiritual constituído como tal, por um modo de subsistência e de independência no seu ser; ela alimenta essa subsistência por uma adesão a uma hierarquia de valores livremente adaptados, assimilados e vividos por uma tomada de posição responsável e uma constante conversão; deste modo, unifica toda a sua atividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, mediante atos criadores, a singularidade da sua vocação[5]. «Mas, as experimentações técnicas, as diluições de fronteiras entre o natural e o artificial atingem a experiência do pensar e, com ela, a *experiência de ser pessoa*. E a exacerbação do racionalismo moderno, pode levar a um atentado contra a dignidade humana. Por isso, e nomeadamente em Kant, ser *pessoa* implica recusar tudo quanto pode atentar contra a dignidade humana. Só assim podemos compreender o alcance da sua afirmação: *age de tal modo que uses a humanidade na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio*».[6]

Por outro lado, tal como afirma P. Pereira, "pensar hoje nas noções de pessoa e de comunidade como categorias antropológicas fundamentais parece uma necessidade acrescida face à emergência de uma revolução antropológica que, simultaneamente,

[5] - Emmanuel Mounier, *Manifesto ao Serviço do personalismo*, pág. 84
[6] - Paula Cristina Pereira, *Condição Humana e Condição Urbana*, pág. 64

aparece configurada em torno do homem pós-orgânico e que se articula com uma nova e crescente sensibilidade – a sensibilidade, ela mesma pós-orgânica"[7]. Bem visto, hoje tudo parece a desfazer-se num novo modelo de poder – poder ligado a tecnologia. Assim, "o homem pós-orgânico é o homem submetido, simultânea e paradoxalmente, às tiranias e delícias de um mundo em constante atualização e crescimento. Hoje a tecnociência expande-se, cada vez mais, no sentido de superar os limites da própria natureza humana. Portanto o pós-orgânico sustenta a transcendência do ser humano"[8].

"A pessoa não é apenas o equivalente a homem, mas é algo mais. Desta maneira podemos perceber com o personalismo que ser pessoa não é sinónimo de possuir características próprias que permitam ao homem atuar de um modo pessoal, mas sobretudo atuar de tal modo que o individuo, mediante os seus atos se torne pessoa, o que significa um processo de conquista e de autocriação. A pessoa aparece-nos no fim do processo como fim de uma atividade constituinte, voluntária e livre".[9] É a partir da abertura a si mesmo em que o homem se torna ele mesmo.

## 1.2.Perspetiva cristã de Emmanuel Mounier

O personalismo distingue entre indivíduo e pessoa: tornar-se pessoa é uma opção que implica a sua livre adesão a uma hierarquia de valores e a sua realização concreta na vida humana. A pessoa é abertura constante, disponibilidade para os outros, ao contrário do indivíduo que, para Mounier, representa fechamento. Por isso, o homem enquanto indivíduo está submetido e sujeito ao mundo, à natureza; mas como pessoa supera-os[10]. A pessoa é, por isso, entendida como unidade que "encarna sempre um ser individuado". Não se deve pois destruir a individualidade, mas sim ordená-la, num conjunto para o qual, pela sua própria individualidade, deve concorrer. Para Pereira, a pessoa não se opõe a individualidade, mas completa-a, integrando-a. Tal integração,

[7] - Idem, pág. 58
[8] - Idem, pág. 61
[9] - Paula Cristina Pereira, *Amor e Conhecimento reflexões em torno da razão pedagógica,* pág. 71
[10] - Idem, pág. 72

para a individualidade, consiste em deixar a sua primitiva exclusividade para se tornar numa existência em relação, superando a insuficiência e a incompletude do individual.[11] Pensando com Mounier, o personalismo que nós circunscrevemos põe, pelo contrário, valor espiritual no próprio cerne de toda a realidade humana. A pessoa não é, como alguns o concebem por vezes, um coeficiente entre outros na aritmética social. Ela não aceita ser relegada para o papel de simples corretivo de um sistema cujo espirito lhe seja estranho.[12]

O personalismo consiste precisamente nisso: numa oposição ao individualismo que mantém o homem centrado em si mesmo, enquanto o personalismo procura descentrá-lo para coloca-lo nas largas perspetivas abertas pela pessoa[13]. A pessoa, segundo o personalismo, surge como presença voltada para o mundo e para as outras pessoas, sem limites, misturada com elas numa perspetiva comunitária. As outras pessoas não a limitam, mas pelo contrário, tornam-na ela própria. Ela existe *com* e *para* os outros, conhece-se nos outros e encontra-se nos outros e outros nela. Por isso, para Mounier, aquele que se encerra no seu "eu", nunca encontra um caminho para os outros. Segundo ele, só existimos na medida em que existimos para os outros. Toda e qualquer pessoa é, desde as suas origens, movimento para os outros, "ser para".[14]

Acreditamos que, a abordagem que Mounier faz relativamente ao conceito de pessoa, em função da sua ênfase comunitária, possa nos ajudar a traçar um paralelo com as orientações básicas do cristianismo, do ponto de vista comunitário e da singularidade da pessoa. Ele realiza esta conexão, na medida em que aponta o cristianismo como o arauto de uma noção decisiva da pessoa.[15] Aliás, sendo um filósofo crente, busca uma maneira cristã de manifestar a sua abordagem filosófica da vida e do mundo. Para ele a humanidade vive sob um olhar de um Deus que "entregou a sua pessoa", para assumir a natureza humana para divinizá-la, e que propõe a cada pessoa uma relação única de intimidade com Ele e uma participação na sua divindade. Para Mounier, Deus é o ser

[11] - A necessidade de me completar é-me revelada pelo amor por próprio, que se completa no amor pelo próximo (Pereira - 2000), pág. 73
[12] - Emmanuel Mounier, *Manifesto ao Serviço do Personalismo,* pág. 123
[13] - Emmanuel Mounier, *O Personalismo,* pág. 45
[14] - Idem, pág. 57
[15] - Idem, pág. 18

supremo, que por amor nos faz existir, não conferindo unidade ao mundo através da abstração de uma ideia, mas, através de uma infinita capacidade para multiplicar indefinidamente esses atos de amor únicos.[16]

Afirma Mounier:

> "Ao movimento de liberdade o homem é livremente chamado." A liberdade é constitutiva da existência criada. Deus teria podido criar num momento, uma criatura tão perfeita quanto o pudesse ser. Mas, preferiu que fosse o homem chamado a amadurecer livremente a sua humanidade. O direito de recusar o seu destino é essencial ao pleno uso da liberdade".[17]

E na sua obra *Manifesto ao serviço do personalismo*, Mounier apresenta a liberdade da pessoa como a liberdade de descobrir por si mesma a sua vocação e de adotar livremente os meios de realizá-la. Não consiste numa liberdade de abstenção, mas numa liberdade de assunção.[18] Isto é, em vez de excluir todo o constrangimento material, implica no âmbito do seu exercício as disciplinas que são a própria condição da sua maturidade. A liberdade da pessoa é necessariamente adesão. Mas para Mounier, essa adesão é propriamente pessoal a partir do momento em que seja um compromisso consentido e renovado com uma vida espiritual libertadora e não a simples aderência obtida à força.[19] Esse absoluto pessoal conforme nos apresenta o filósofo, não isola o homem nem do mundo nem dos outros homens. A Encarnação confirma a unidade do céu e da terra, do espirito e da carne, confirma o valor redentor da obra humana, logo que foi assumida pela graça divina. Assim, pela primeira vez, a unidade do género humano foi plenamente afirmada e duas vezes confirmada.

*«O homem é criado à imagem e à semelhança de Deus»* (cf. Gn.1,26-27).[20] À semelhança de Deus, significa em primeiro lugar, a relação de Deus para com o homem Sua criatura, e a partir dali a relação do homem para com Deus seu Criador. E, Deus coloca-se num tal relacionamento para com a pessoa, que essa torna-se a sua imagem e a sua honra na terra. Deus partilha o Seu ser com o homem (a inteligência, a sabedoria,

---

[16] - Idem, ibidem
[17] - Idem, pág. 19
[18] - Emmanuel Mounier, *Manifesto ao Serviço do Personalismo,* pág. 102
[19] - Idem, pág. 103
[20] - Sagrada Escritura, Gn. Cap. 1, vers. 26-27

a bondade, o amor, etc.). Assim, percebemos que o ser da pessoa, brota dessa relação de Deus para com a pessoa e consiste nessa relação. O ser humano como imagem de Deus, não pode viver isoladamente, mas sim, em comunhão humana (cf. Gn. 2, 18).[21]

Começa a tomar sentido uma história coletiva da humanidade, da qual os gregos não tinham sequer ideia. A própria conceção de Trindade, que alimentou dois séculos de debates, traz consigo a ideia surpreendente de um Ser Supremo no qual intimamente dialogam três pessoas diferentes, de um Ser que é já, por Si próprio, negação da solidão.

[21] - Idem, Gn, cap. 2, vers. 18

# Capítulo 2. A Educação, pilar de uma sociedade

## 2.1. A educação entre a natureza e a cultura

Pensado com Pereira, vemos que, "na cultura contemporânea, a vida na sua densidade e espessura, aparece-nos diluída num novo modelo de poder – o da tecnociência. Assim, o homem pós-orgânico é o homem submetido, simultânea e paradoxalmente, às tiranias e delícias de um mundo em constante atualização e crescimento. A fé no progresso e no domínio da natureza, mostrou o seu apogeu num paradigma mecânico, que no entanto, se manteve numa perspetiva naturalista pelo reconhecimento dos limites impostos pela *natureza humana*. Hoje a tecnociência expande-se, cada vez mais, no sentido de superar os limites da própria natureza humana. Portanto, o pós-orgânico sustenta a transcendência do ser humano. Em direção ao segredo da vida, tenta imortalizar o homem num constante melhoramento técnico-operacional que vai desenhando a cultura no apagamento da fronteira entre o natural e o artificial. Uma era e cultura onde quase tudo parece ser o resultado de uma história natural, mas que é, no entanto, ao mesmo tempo, completamente planeado e desenhado".[22]

A tese de que o homem é homem pelo nascimento e não pela educação, tem sido sustentada pelas ciências humanas. Nessa linha de ideias, afirma-se que o recém-nascido de hoje não difere do recém- nascido das idades pré-históricas; que sobre essa base de natureza comum, é transmitida a herança cultural de elementos tais como a linguagem, o pensamento, os sentimentos, as técnicas, as ciências, as artes e a moral, os quais tornam a pessoa humana, distinta e distante de todos os animais.

A antropologia afirma que o homem é um animal «nascido antes do tempo». O seu organismo, particularmente as conexões nervosas, é inacabado.[23] Podemos compreender esta afirmação, na medida em que, entendemos o homem com "potencialidades inatas, isto é, com todas as bases, onde se assentam todo o seu

[22] - Paula Cristina Pereira, *Condição Humana e Condição Urbana,* pág. 61
[23] - Olivier Reboul, *Filosofia da Educação,* pág. 20

desenvolvimento" (a semente de sabedoria colocada por Deus no ser humano), ou seja, sobre as quais a educação assenta. Ao contrário das crias animais, o homem animal apreende tudo dependendo dos outros, mas, a partir de uma força invisível, de um poder incompreensível que há nele. Assim, podemos compreender esse "*inacabamento"* do homem como a sua grandeza, como a sua totalidade, pois, ali inscreve-se a sua capacidade de se ultrapassar (*deixar a sua pequenez*), e alcançar o seu próprio *ser*. Deus criou o homem à sua semelhança e com toda perfeição… criou tudo com a sua sabedoria e depois viu que tudo era bom (cf. Gn. 1, 1-25). [24] Logo, podemos entender que Deus não criou o homem inacabadamente, visto que ele (o homem) tem na sua posse todas as potencialidades para o seu crescimento em todas as vertentes e para adaptar-se a toda e qualquer cultura onde estiver inserido.

Todavia, para crescer, esta natureza humana, deve revestir-se de uma educação humana. Lembremos o caso de duas meninas, «crianças selvagens», encontradas num covil de lobos, na Índia, em 1920. Estas crianças Amala (cerca de dois anos) e Kamala (oito anos), incapazes de se terem de pé, corriam apoiados nos cotovelos e nos joelhos; desprovidas de palavra, uivavam como os lobos, atiravam-se à carne crua, degolavam galinhas vivas. Em todas as crianças selvagens, o olfato está sobre desenvolvido, a necessidade sexual é muito fraca. Ignoram o uso de mãos, o rir e o sorrir, não distinguem uma imagem em relevo de um objecto, não se reconhecem ao espelho, etc. Alguns defenderam que o caso delas não prova nada, porque eram apenas débeis profundos. Mas, Lucien Malson, na sua obra (Les enfants Sauvages, «10/18» 1964), responde muito vigorosamente, que o seu comportamento em nada se assemelha aos dos débeis. Em todo caso, elas são a prova viva de que um filho de homem que não é educado pelo homem não tem «nada de humano».[25]

Todavia, a este respeito, algumas questões se levantam com a pertinência das inquietações humanas e da reflexão filosófica. É que, a transmissão da herança cultural do homem, que tem sido até aqui relacionada com a educação, com aprendizagem e não com a hereditariedade, é contrariada pelo fenómeno conhecido como herança epigenética transgeracional, cientificamente comprovado. Basicamente, tal fenómeno

[24] - Sagrada Escritura*, Gn. 1, 1-25*
[25] - Olivier Reboul, *Obra citada*, pág. 20

consiste na transmissão de informações de uma geração para outra, por intermédio das células germinativas. De sublinhar que essa transmissão afeta os traços da descendência sem alteração da estrutura primária do DNA ou ADN (molécula portadora de informação genética). Desta maneira, compreendemos que a transmissão Cultural não se realiza somente pela educação.

A partir da perspectiva da espiritualidade cristã: "a graça supõe a natureza", podemos mesmo dizer que a educação do homem, sendo uma conquista, supõe a natureza que é uma graça do próprio homem como dom de Deus. É como uma construção, por exemplo, que deve assentar-se sobre um alicerce para o seu bom crescimento e para a sua segurança e estabilidade. Mas, certos filósofos, como por exemplo, os sofistas, negam pura e simplesmente a natureza humana, e dizem que cada homem *é o que é,* apenas pela educação. Os empiristas afirmavam que o homem ao nascer é uma tábua rasa, sobre a qual a experiência pode inscrever todas as coisas.[26] Desta maneira, podemos entender que a tese dos sofistas e empiristas nega a natureza e as potencialidades inatas do homem. Mas, Deus criou o homem e a Mulher à Sua imagem e semelhança e depois disse: dominai sobre todos os outros seres (…).[27] Se Deus sendo uma sabedoria, não podia criar o homem sem esta *semente da sabedoria* (a força de poder ser, de poder fazer), logo, o homem não pode, segundo a nossa perspetiva, ser entendido como uma tábua rasa. Pois, sem esta base no homem a educação por si só não conseguiria moldar o homem segundo um modelo que lhe pré-exista. Senão, vejamos alguns exemplos comparativos: as crianças dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, da cidade e do campo, desenvolvem-se diferentemente, embora tenham as mesmas potencialidades (potência não criada pela educação), sobre as quais a educação se apoia. Uma criança dos países pobres e de pais completamente analfabetos, criança que não frequenta o infantário, nem sequer alguém lhe indique uma figura ou letra, mas, a partir de um ano começa a balbuciar: papá, mamã, e o balbuciamento vai crescendo, a ponto de começar a chamar as coisas pelos nomes: pão, banana, água, gato, cão, boi, carro, boneca, etc. isto porque existem predisposições naturais, que favorecem tais atividades psicológicas. É aí, precisamente,

[26] - Idem, pág. 21
[27] - *Obra citada, Gn*. 1, 26-27

que podemos verificar a inscrição da *"sabedoria divina no homem!"*[28] Por isso, o homem não pode surgir como tábua rasa, porque nele a sabedoria é como uma pequenina semente que se vai desenvolvendo sem o homem saber como! É possível educar uma criança, mas ninguém poderia ensinar-lhe a capacidade (ou potencialidade) para a linguagem (o balbucio e os sons duma criança que começa a falar), como analisaremos no capítulo III.

A cultura constitui-se como uma mediação codificada entre os seres humanos; por isso, é necessário aprender a decifrar o sentido dos símbolos culturais e também aprender a emitir as mensagens utilizando um código que os outros possam entender. Esta questão adquire uma grande importância para a tarefa educativa. A transmissão e a aquisição da cultura diferem essencialmente dos modos como se transmitem as realidades materiais, que no caso da cultura se leva a cabo por intermédio do ensino, constituindo a sua aquisição, a base para a aprendizagem.

Não sendo tábua rasa, o homem é "natural" enquanto um ser criado por Deus com todas potencialidades e é "cultural" enquanto desenvolve tais potencialidades por meio da educação, adaptando-se ao meio social em que estiver inserido. Uma *criança selvagem*, como referimos atrás, mesmo que erroneamente possa ser encarada como um débil ou um louco, permanece um ser humano de modo real, um filho de Deus.

A importância do conceito de natureza humana, é mostrar que em educação nem tudo é possível, que o educador encontra uma resistência que não pode ignorar nem forçar sem arruinar a educação. Tal resistência é, em primeiro lugar, a da natureza psicológica da criança. Autores tão diferentes como Piaget, Freud, Wallon mostram que a criança passa necessariamente por estádios, e que o educador não os pode omitir nem mesmo abreviá-los. A natureza é também o carácter próprio de cada criança, a sua maneira de agir, de sentir e de aprender. Ignorá-lo, querer fazer entrar a criança num molde comum, força-la a "agir como um adulto", é arriscar-se a desencorajá-la para sempre, por falta de confiança na sua própria capacidade. É que educar não é "fabricar" adultos segundo um determinado modelo, é libertar em cada homem o que o impede de ser ele mesmo, permitindo realizar-se segundo o seu «talento» singular. Em suma, se o

[28] - Deus criando o homem *à sua Imagem e Semelhança,* Ele partilha a sua sabedoria com a sua criatura (*Sagrada Escritura - Genesis*, I, 1 ss).

conteúdo da educação é variável, a necessidade de ser educado é universal, porque ela é "inerente ao homem".[29] A natureza humana é que exige que o homem seja educado, mas é também, esta particularidade que faz com que a educação não *seja tudo*. Contrariamente, se a educação não pode tudo, não se pode nada sem ela.

## 2.2. A Educação da Pessoa

Se durante um período histórico se atribui somente importância à educação, enquanto esta permitiria o desenvolvimento da inteligência ou da memória, o século XX considerou que todos os domínios humanos estavam sujeitos ao processo educativo, visando assim uma formação integral do individuo, expandindo, podemos dizê-lo, o entendimento da sua humanidade. À educação da inteligência, vemos serem acrescentadas a educação de sensibilidade ou a educação do corpo. Gabriel Marcel valoriza a dimensão corpórea, concedendo ao corpo próprio, um estatuto nuclear no seio da sua filosofia e da reflexão filosófica durante todo o século XX. Defendendo que o homem não pode ser pensado desligado do seu corpo, de que também *somos corpo*, impõe-se de forma incontornável na antropologia emergente na filosofia marceliana. Assim, se a educação visa a formação completa do homem e se a existência humana está indissociável ligada ao corpo, a educação terá que reabilitar a dimensão corpórea e sensível do homem.[30]

A atividade educativa, não propõe substituir uma realidade por outra, nem suprimir, nem aniquilar nada no homem, mas simplesmente levar uma realidade virtual e recôndita a toda a plenitude do seu ser e do seu valor. Pois, o que a educação deve fazer é ajudar ao desenvolvimento da natureza pessoal.[31]

A partilha do ideal que a educação é central para o progresso humano e essencial para o crescimento moral, implica corroborar que a sua grande finalidade seja formar

[29] - Olivier Reboul, *Filosofia da Educação,* pág. 22
[30] - Joaquim Escola, *Gabriel Marcel Comunicação e Educação,* pág. 473
[31] - Paula Cristina Pereira, *Amor e conhecimento reflexões em torno da Razão Pedagógica, pág. 68*

um homem independente e fraterno, pressupondo também, que se gere um homem para o seu país, para a humanidade. A educação pode entender-se então, como uma espécie de pulverização e assimilação do indivíduo no social, mantendo-se contudo, o princípio de que o homem deve ser livre. Tal liberdade exercita-se dentro dos limites institucionais da autoridade, mas é sempre, e em qualquer circunstância, um valor constitutivo da *humanidade* dos homens.

Esta sequencialidade reflete uma conceção de escola, como uma comunidade onde se patenteia a obra do Criador. Portanto, se a escola, é na essência, concebida por Deus, é então por Ele e para Ele, que a missão da escola ganha sentido, não só como instituição, mas também, como uma organização que tem trabalhos específicos e diferenciados, com um único propósito: conciliar perfeição, harmonia, responsabilidade e resguardar dos perigos, ou seja, disciplinar a vida, com uma gradação de conhecimentos que formem e informem a mente; que promovam aprendizagens, que constituindo os indivíduos, possam também ter aplicação numa vida futura, e que se revejam na profissão que se escolhe. O que objetivamente se convoca, é que o homem deve instruir-se nos conhecimentos, que melhor o auxiliem no cumprimento dos deveres de cidadania, da família e da grande coletividade humana, o que implica que a educação, visando a formação integral do ser humano, se cônjuge a três níveis essenciais: intelectual, moral e física.

A escola é um momento de socialização, que a todas as classes deve tocar, mesmo reconhecendo-se que para algumas a oferta seja de escolas selecionadas, privadas, e fortemente marcadas por modelos rígidos de ensino. A escola que se pretende é uma escola para classes populares, que mantenha padrões de qualidade especial, de equipamento e de investimento pedagógico. Há no entanto, um nítido reconhecimento, que princípios não significam métodos, e que é urgente quebrar isolamentos intelectuais, bem como pensar-se numa oferta educativa tendo em conta o tempo, o espaço e um povo específicos. A educação concebida como processo, deve ser agradável e estimular a permanente descoberta (autoaprendizagem), tendo como objetivo, preparar para um viver pleno. Os contornos de uma educação liberal (treinar faculdades e desenvolver aptidões, mais do que ministrar conhecimentos), vão sendo

cada vez mais nítidos, mas igualmente ousamos afirma-lo, cada vez mais empobrecedores.[32]

Na famosa obra *Utopia* de T. Moro, ele desenha uma sociedade, que assegura a educação básica a todas as crianças em idade escolar. Todavia, não está indicada expressamente, a idade concreta para a criança iniciar este nível de educação, se é aos 7 anos, como preconiza Aristóteles, se é aos 4 ou 5, como defendem Quintiliano, ou tal determinação fica ao critério dos pais, como advoga Luís Vives, em 1523. Com efeito, a idade não é importante; o que é importante, como escreve Erasmo, é que a formação nas "boas letras" seja desde cedo, proporcionando à criança, "enquanto o seu espírito está livre de cuidados e de vícios, a sua idade é dúctil e maleável, o seu pensamento está pronto, hábil para toda a tarefa e guarda ao mesmo tempo com estrema tenacidade as impressões recebidas".[33] Assim, se em criança se adquire os conhecimentos rudimentares, enquanto adolescente, já se pode adquirir os mais complexos e importantes. É pois legítimo, deduzir que, na Utopia, as crianças acedem à escola a partir dos 5 anos, um vez que esta é a idade, a partir da qual elas deixam de estar na sala das amas. A iniciação de todas as crianças às boas letras é proporcionada na própria língua, "o primeiro leite da sua criação", como escrevia João de Barros, em 1540, na sua gramatica de Língua Portuguesa. Na obra *Utopia*, a educação das crianças é de base naturalista, e por conseguinte, é feita em coeducação (em comum indistintamente), e alia a teoria e a prática, sem esquecer o exercício físico, essencial para um desenvolvimento harmonioso. Pretende-se assim uma "mens sana in corpore sano".[34]

Esta universalização de escolarização, procura concretizar a utopia da igualdade dos cidadãos, alicerçando-se na crença de que um povo instruído, é um povo mais livre, mais hábil, mais virtuoso, mais feliz e mais próspero, na marcha vitoriosa para uma luz nova, associando-se às crenças na perfectibilidade e educabilidade dos humanos, em função de uma imagem de «homem», de um «homem novo», na perfectibilidade e

---

[32] - José António Martin Moreno Afonso, *Protestantismo e Educação - história de um projeto pedagógico alternativo em Portugal na tradição do Séc. XIX,* pág. 19

[33] - AA.VV., *Utopia, Cidade e Educação,* pág. 100

[34] - Idem, ibidem.

racionabilidade da ação educativa que se deseja generalizada, a todas as camadas sociais.[35]

## 2.3. O percurso de um educando

O educando tem de ter consciência de que ele tem uma "base natural" para o seu conhecimento. E o seu percurso, passa pelo crescimento e emancipação de sim mesmo. O crescimento e complexificação de cada um desses passos, explicam-se em função de perturbações que ocorrem de modo aleatório e contingente dando origem a um novo estádio (frequentemente), mais profundo e mais rico em complexificação. Entender a individualidade, a linguagem e a cultura fazendo parte desses processos de evolução contingente, é não postular e não entregar-se passivamente à existência de um "telos", uma finalidade preestabelecida para onde converge a história dos homens, das comunidades e das culturas.[36] O que aqui se pressupõe é que toda e qualquer atividade humana (realçando particularmente os atos de educação e os processos de ensino-aprendizagem) constroem-se num sistema complexo de inter-relações comunicativas. Desde logo, a tarefa educativa é responsabilidade de cada um de nós que participa nesse complexo intercomunicativo e educativo e não de uma qualquer instituição ou princípio normativo a-histórico e transcendente.

De modo mais geral, podemos dizer que, entender o poder da linguagem na construção de nós mesmos e na construção das comunidades em que vivemos (familiar, educativa, cultural, etc.), permite construirmos uma visão mais salutar e mais irónica de nós mesmos ao levar-nos a entender, que a responsabilidade da construção e da transformação de nós mesmos e destas comunidades de que fazemos parte é de cada um de nós. Tal participação e contributo fazem com que assumamos um protagonismo significativo, tanto para a vida pessoal de quem participa, como para a vida comunitária. Cada individualidade, assim como cada comunidade, assume-se como um processo contínuo, único e exclusivo, que em função dos múltiplos conjuntos de situações e experiências que vai vivendo, vai-se alargando e enriquecendo, ao retrabalhar de novo

[35] - Idem, pág. 102
[36] - Maria da Conceição Pinto Antunes, *Teoria e Prática Pedagógica,* pág. 248

essas situações e experiências em função das suas idiossincrasias. Reconhecemos assim, que cada ser humano é alguém singular e exclusivo, e que, embora submetido a um processo de aculturação, a sua edificação, o seu processo de educação é sempre uma procura singular de crescimento pessoal, de reescrever-se nas suas próprias palavras.

Neste sentido, embora tal processo de crescimento nos pareça utópico, se entendido no sentido de um processo educativo generalizado, pretende-se, pelo menos, que o processo educativo ou de edificação de cada um de nós não seja meramente um processo instrutivo no sentido de criar réplicas, cópias, seres "endoutrinados" em determinadas crenças e valores institucionalizados. O processo educativo, ao procurar fundamentalmente, criar condições para que o homem cresça, pretende contribuir para o crescimento e emancipação pessoal, pelo qual o homem constrói-se de forma singular e idiossincrática.

Ajudar os educandos a aprender a pensar, a analisar e a comparar diferentes pontos de vistas, antes de formularem um juízo de valor e tomarem uma decisão e /ou posição comportamental, mostra-se, pensamos, uma função crucial da educação. Porque ao serem confrontados com diferenciadas perspetivas, ao terem liberdade de escolha, podendo assim, alargarem os seus horizontes, estarão a enriquecer a sua imaginação e a capacidade de ver o mundo segundo diferentes perspetivas e poderem agir eles mesmos.

Desta feita, esse incentivo de abertura e disponibilidade face a novas perspetivas e novos valores de verdade, leva-nos a reconhecer, que não há verdades feitas, definitivas e imutáveis, mas, ante à opinião de que o mundo do conhecimento e do saber é um processo em construção contínua, onde as teorias que se vão mostrando ineficazes, vão sendo substituídas por outras satisfatórias. Deste modo, os educandos e educadores tomam consciência de que é sempre possível reabrir qualquer assunto a uma nova e posterior discussão, desta feita, nenhum assunto pode ser dado como acabado e nenhuma verdade pode ser entendida como absoluta.

O pensamento do aluno, entendido como mediação, mostra que a "aprendizagem não se produz de forma automática a partir do ensino. Tem lugar principalmente através do processamento ativo e esforçado da informação por parte dos alunos, que devem perceber e interpretar as ações dos docentes para que estas influam no seu

rendimento".[37] A teoria da aprendizagem por 'modelagem' oferece igualmente a fundamentação científica da enorme relevância das perceções do aluno (do educando, do orientado, do instruído), sobre a ação e a personalidade do professor, de tal modo que, se os alunos perceberem o professor como alguém que possui competência, estatuto e controlo sobre os recursos, a ação deste será muito mais eficaz. Põe-se de parte, na sequência de algumas teorias da aprendizagem, a conceção do aluno como ser passivo e recetor de estímulos, e reencontra-se a clássica questão do "conhecimento", como construção do real e não como mera cópia do mesmo.[38] O processo cognitivo do aluno é estimulado pela ação do professor, como as perceções, as expetativas, a atenção, as motivações. E esses fenómenos prendem-se com a perceção que o aluno tem das suas capacidades, possuem a sua génese no processo interativo e influem grandemente no rendimento e no comportamento (escolar) do aluno e na sua formação como ser humano.

[37] - João da Silva Amado, *Interação Pedagógica e Indisciplina na aula,* pág. 56
[38] - Ibidem, pág. 57

# Capítulo 3 - Educação, um tesouro a redescobrir

## 3.1. A educação: uma noção complexa

Que é a educação? Definir educação, tem sido comparado a um entretenimento de salão, a uma inocente, mas, inútil maneira de passar o tempo. Esta comparação não é muito justa para tantos homens e mulheres, incluindo alguns dos verdadeiramente grandes, que se têm esforçado por defini-la, mas o comentário, também não é completamente impróprio, porque a educação não se presta por si própria a ser definida, e certamente, ainda menos a uma definição que possa manter-se inalteravelmente verdadeira. Quando pensamos a cerca da educação, não devemos esquecer que ela tem a característica de ser um "organismo" em crescimento, como um corpo vivo. Embora possua atributos permanentes, encontra-se numa constante variação, para se adaptar a novas necessidades e a novas circunstâncias. A educação não muda apenas com os anos; ela é sensível ao lugar e ao tempo. Tem diversos significados em diferentes países e nunca é exatamente a mesma coisa num meio rural ou numa populosa zona industrializada.

E certamente, graves erros podem ser feitos, se a interpretarmos da mesma maneira num país subdesenvolvido ou num que alcançou um grau avançado, daquilo que nos agrada chamar civilização. Mas, o facto de as interpretações da educação diferirem, não significa que nós não possamos aprender muito com as correntes educacionais doutros países que não o nosso. Sem dúvida, a educação comparada é um estudo dos mais valiosos do ponto de vista prático, e uma organização de âmbito mundial, como a UNESCO tem feito bom trabalho ao mostrar como a educação é interpretada em diferentes nações.[39] Desta maneira, pelo facto de nos abrirmos aos outros, em sabermos o que eles são e o que dizem sobre a educação, coloca-nos na vantagem de ganhar bons conhecimentos com os outros.

A educação escolar, para ter futuro e contribuir nesse futuro para o desenvolvimento humano, tem de ultrapassar qualquer perspetiva estritamente utilitária,

[39] - Joaquim Azevedo, *Voos de borboleta – Escola, trabalho e profissão,* pág. 159

mas ou menos exclusivamente vinculada à qualificação do pessoal necessário ao mundo da produção, para se colocar como elemento constitutivo do próprio desenvolvimento, o qual tem por fim último o ser humano. Pois, educar em termos escolares, será o desencadear no ser humano todo o seu potencial de protagonista no processo de desenvolvimento pessoal, ele que é o último destinatário e a medida de qualquer processo de desenvolvimento.

Como redescobrir esse tesouro? Considera-se a educação um tesouro permanente e sempre renovável, pois ela "não é estável mas dinâmica". "É preciso assinalar novos objetivos para a educação e, portanto mudar a ideia que se tem da sua utilidade. Esta, deveria assentar antes de mais, na conceção de educação como processo de revelação do tesouro escondido em cada um de nós".[40] Mas também reflectir nas suas finalidades, tal como afirmamos no capítulo I. Da visão meramente instrumental, haveria que caminhar assim, para uma visão mais essencialista e global.

Além de ajudar a "aprender a conhecer e a aprender a fazer",[41] a educação escolar, deve contribuir para " a realização da pessoa que , na sua totalidade, aprende a ser". Podemos ainda compreender que a educação ajuda aprender a viver juntos, a viver uns como os outros e aprender a ser. Todos eles tornam-se pilares centrais, na medida em que se defenda que a educação deve preparar cada ser humano, para elaborar pensamentos autónomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, como agir em diferentes circunstâncias da vida.

Porque afinal, o tesouro escondido e a redescobrir não mora no modelo moderno de educação escolar ou em qualquer novo modelo a fazer surgir no futuro, o tesouro escondido é cada um de nós, e à educação escolar pede-se – retomando a antiguidade clássica e a perspetiva cultural do desenvolvimento – que se centre na revelação do tesouro escondido em cada um de nós, pondo de parte tudo que não seja para desenvolvimento humano.

[40] - Ibidem, pág. 161
[41] - Olivier Reboul, *O que é aprender,* pág. 13

## 3.2. Investigação educacional e política da educação

Para uma cidade que quer favorecer a evolução da pessoa, como para uma cidade que pretende subjugar as pessoas, a obra essencial, começa no despertar da pessoa: desde a infância. Daí que as instituições educativas, bem como as instituições que regem a vida privada, sejam aquelas, a que os personalismos atribuem maior importância. Eles estabelecem-nas, em princípios tão opostos, a uma «neutralidade» impessoal, como a uma apropriação total da pessoa da criança pela coletividade.

A educação, não tem por fim, moldar a criança ao conformismo de um meio social, ou de uma doutrina de Estado. Da mesma maneira, não se lhe poderia atribuir como fim último a adaptação do indivíduo, seja à função que ele preencherá no sistema das funções sociais, seja ao papel que se entrevê para ele, num sistema qualquer de relações privadas. A educação não respeita essencialmente, nem ao cidadão, nem à profissão, nem à personagem social. Ela, não tem por função principal o fazer cidadãos conscientes, bons patriotas, pequenos fascistas, pequenos comunistas, pequenos mundanos. A sua missão é a de despertar pessoas capazes de viver e de assumirem posições livres, enquanto *pessoas* que são. Tal missão, opõe-se a todo o regime totalitário de um sistema escolar, que em vez de preparar progressivamente a pessoa para o uso da sua liberdade e para o sentido das suas responsabilidades, a incapacita, vergando a criança ao triste hábito de pensar por delegação, de agir segundo a palavra de ordem, e de não ter outra ambição, que a de estar instalada, tranquila e considerada num mundo materialmente satisfeito. Se por outro lado, a capacitação para uma profissão é necessária para esse mínimo de liberdade material sem a qual toda a vida pessoal é sufocada, a preparação profissional e a formação técnica não podem ser o centro da obra educativa.

A atividade da pessoa é liberdade e conversão à unidade de um fim de uma fé. Se por consequência, uma educação fundada na pessoa não pode ser totalitária, a saber materialmente extrínseca e constringente, o certo é que não pode deixar de ser total. Ela interessa o homem todo inteiro, toda a sua conceção e toda a sua atitude, perante a

vida.[42] Por isso, a criança deve ser educada como uma pessoa, pelas vias da prova pessoal e da apresentação do livre compromisso. Mas, se a educação é uma aprendizagem da liberdade, é precisamente porque ela não a encontra já formada logo de início. Na criança, toda a educação, como no adulto, toda a influência, procede por tutela de uma autoridade cujo ensino é progressivamente interiorizado pelo sujeito que a recebe.[43]

A política educacional está ligada às reformas, que fazem apelo à excelência, à eficácia e eficiência, à competitividade e produtividade e a outros aspetos do campo da racionalidade económica. Para muitos autores, tais discursos, indicam a existência de uma crise nos sistemas educativos, cujos sintomas têm sido por sua vez, identificados com a descida nos níveis de rendimento escolar, medido pelas baixas classificações em exames nacionais ou pelos maus resultados em testes internacionais, e com graves reflexos económicos. O aparecimento de relatórios propondo reformas na educação justificadas pela deterioração das condições económicas e sociais, é consequência da crise na educação, passando a imputar essa responsabilidade às instituições educativas. As mudanças serviram para expiar a crise na educação e, indiretamente, na economia, ao mesmo tempo em que, por outro lado a desconfiança inculcada pelos discursos em torno da escola pública terá propiciado um clima favorável à justificação da diminuição dos gastos públicos com a educação, abrindo caminho à revalorização do ensino privado e a divulgação das políticas da "*public choice*" que em termos práticos, acabaram por transferir para as comunidades locais, a responsabilidade pela superação dos fracassos educativos e justificaram que o estado reforçasse a sua participação na avaliação – agora sob a forma de controlo mais rigoroso – dos resultados escolares.

Surge assim a linguagem da excelência, como marco orientador de um novo consenso em torno da educação e como 'ideologia organizativa de reforma meritocrática'. O discurso da excelência é também um discurso moral que culpabiliza os indivíduos pela crise e pelo fracasso das intenções e que ao mesmo tempo, apelo a que esses mesmos indivíduos sejam mais produtivos e mais responsáveis. Nesta medida, 'os

[42] - Emmanuel Mounier, *Manifesto ao serviço do personalismo,* págs. 132-134
[43] - Ibidem. Pág. 139

apelos à excelência são também petições de motivação', que visam legitimar as estratégias tecnocráticas para superar a crise.

Neste contexto, fica também mais evidente a utilidade da linguagem instrumental, que subjaz à reforma, como tecnologia que intervém na distribuição do poder, bem como a utilidade (ideológica) do conceito de crise que favorece e legitima a distribuição de consensos anteriores e abre caminho a novos consensos.

A crise na educação é antes de tudo, o reflexo da estagnação económica e que, por isso, medidas como as do retorno ao básico não servem para melhorar nem a educação nem as escolas.

## 3.3. Educabilidade como Dimensão Antropológica

Ainda não se conhece nenhum grupo de seres humanos (tribo, raça, nação, etc.), que viva aquém da educação. As surpreendentes notícias vindas de quase todas as partes do mundo sobre os meninos perdidos e criados por animais selvagens, mostram que tais meninos não somente têm suas experiências psicológicas inteiramente selvagens, como também não podem exibir certos comportamentos, que se acreditava serem meramente biológicos. Vários meninos que passaram sua infância na companhia de animais, não tinham adquirido a posição ereta e se locomoviam com as pernas e os braços; não tinham desenvolvido a habilidade de expressar suas emoções pelo riso e pelo choro; não lhes eram indispensáveis alimentos cozidos e a higiene. Tornou evidente, que estes aspetos básicos aparentemente relacionados aos genes do organismo humano são afinal de contas, legado da educação humana. A educação é o que torna o ser humano, o tipo do ser que é no mundo. É através da educação que o homem se distancia da primeira natureza, e arquiteta a segunda natureza que somente a ele diz respeito.

Quando afirmamos que a educação é inerente ao homem, não queremos apenas dizer que o homem *é o que é* pela educação, mas também, que o homem é o único ser educável no mundo. O cão, o cavalo e o touro podem ser treinados para tarefas específicas, atualizando as habilidades naturais, que cada uma dessas espécies tem em

potência. Pode-se treinar o rato ou o cão a direcionar suas capacidades olfativas na detenção de minas ou de malfeitores, mas nunca se pode educar o cão e o rato a serem seres que vão além da sua natureza animal. O homem, pelo contrário, não nasce homem, *torna-se* homem porque é educável. O homem goza de plasticidade e maleabilidade, e é nisso, que centra a sua essência. Assim, descobrimos que, se por um lado, o homem tem predisposição natural ou apetência para educação, por outro, a educação aparece como uma necessidade decorrente do carácter inconcluso do homem; enquanto ser natural, ela é resultado de um estado de carência.[44]

Com o tema *Educabilidade*[45] *como dimensão antropológica*, o presente capítulo pretende reafirmar o velho argumento, da indispensabilidade da educação no ser humano. Na atual geração tecnocientífica, capitalista e dos direitos humanos, somos muitas vezes tentados, a reduzir a essência da educação, a uma questão de transmissão de habilidades do '*know how'* e do saber estar com os outros. Todavia, antes de pensarmos em tudo isso, a essência da educação está no carácter educável do próprio homem. É pelo facto de o homem ser educável, que ele pode ser educado.

## 3.4. A educação como necessidade humana

A mais notável distinção entre os animais está no modo específico de lutar pela sobrevivência no mundo. O característico de todos animais (excluindo o homem), é que o domínio de habilidades para a sobrevivência leva um curto intervalo de tempo, quando comparado ao tempo levado pelo homem. Um pintainho, por exemplo, aprende a bicar corretamente o alimento, poucas horas depois de sair do ovo. Após pouquíssimas tentativas, o pintainho já pode coordenar perfeitamente os seus órgãos e membros para realizar a ação, que o seu talento natural lhe permite realizar.[46] As crias das andorinhas, mal saem do ovo, já podem fazer os excrementos cair fora do ninho.[47] Mas, não é assim

[44] - Adalberto Dias de Carvalho, *Utopia e educação,* pág. 51
[45] - Idem, *Filosofia da educação: temas e problemas,* pág. 19
[46] - John Dewey, *Democracia e Educação,* pág. 55
[47] - Emmanuel Kant, *Reflexões sobre a Educação,* pág. 9

que acontece com uma criança. Uma criança necessita de pelo menos seis meses para poder coordenar com alguma precisão os seus órgãos e membros para alcançar algum objeto.[48] Para saber distinguir a finalidade de uma coisa, como por exemplo, a finalidade do berço e do beberão, ela terá que levar muito mais tempo que o tempo levado pelo pintainho para saber a finalidade do ninho e das espigas.

De acordo com Dewey, a educação é o meio e condição de sobrevivência do ser humano. Enquanto, para os animais, o domínio de todos os talentos para enfrentar a vida, é só uma questão de horas, dias e semanas, e a sua existência contínua ao longo do tempo, não requere grandes esforços de aperfeiçoamento das habilidades naturais, os seres humanos, pelo contrário, nascem com disposições ricas para uma quantidade inesgotável de habilidades, mas o uso dessas habilidades, leva muito tempo para acontecer e, se não passarem por um processo de aperfeiçoamento, podem permanecer adormecidas e atrofiadas pelo resto da vida.[49]

Os relatos de meninos perdidos e criados entre as mantilhas de lobos, dão testemunho de que esses seres humanos, não trazem mais nada de humano, senão apenas o aparelho biológico semelhante ao nosso. Isto, mostra que o ser, humano é o único ser cuja essência é determinado pela educação, que lhe é transmitido no contexto em que se encontra. Se for "treinado" a viver como animal irracional, não ultrapassará a sua animalidade; se for educado a ser humano, ser humano será, em todas as suas potencialidades. Não é por acaso que Kant defende que "O homem é a única criatura que tem de ser educada".[50] E que Rousseau afirma que «O homem nasce ingénuo e fraco, em todos os sentidos da vida. Tudo o que o homem não tem após o nascimento, é-lhe dado pela educação».[51] De acordo com Kant, a própria vida em comum é possível graças à educação:

> "A disciplina transforma a animalidade em humanidade. Um animal é já tudo mediante o instinto; uma razão alheia já lhe dispensou tudo de que ele precisa. O homem porém,

[48] - John Dewey, *Obra citada*, pág. 55
[49] - Ibidem, pág. 27
[50] - Emmanuel Kant, *Obra Citada*, pág. 9
[51] - Jean-Jacques Rousseau, *Emílio,* pág. 10

tem precisão de uma razão própria. Não tem instinto e tem de se dotar do plano do seu comportamento".[52]

A própria noção tradicional de educação – como processo de transmissão e perpetuação dos valores culturais de gerações mais velhas a gerações mais novas – tem um significado muito próximo à ideia kantiana de disciplina.[53] Para que as crianças não cresçam seguindo seus próprios "caprichos selvagens", a sociedade incute-lhes, desde cedo, os hábitos, costumes, ideais e padrões sociais, pelos quais se devem guiar-se, identificar-se, como seres humanos e reconhecer-se, como sujeitos sociais. De facto, parece ser muito diferente, a educação brotar da aspiração de um homem, em busca da realização da sua própria especificidade, afirmando a sua identidade como sujeito capaz de gerir o seu destino pessoal ou outra situação, em que ela se institui, ao mesmo tempo, como sinal e resposta para uma natureza humana, que ao surgir como especialmente incompleta, demonstra possuir uma iniludível fragilidade e até dependência de estruturas que lhe não são imediatamente intrínsecas. Como afirma P. Pereira: «o homem não é apenas uma ideia que caiba numa formulação, pois sempre algo lhe falta e algo lhe escapa».[54]

A sociedade é uma comunidade humana, que precisa de viver uma profunda comunhão, para dar resposta a todas as necessidades vitais, inerentes ao homem. A vida de Deus, Uno e Trino, ou seja, a Trindade, consiste precisamente num convite para a humanidade à experiência comunitária. Por sua própria dinâmica interna, as três Pessoas Divinas, efundem-se para fora, criando 'outros diferentes' – criação cósmica e humana – para que se tornem o recetáculo da infinita transfusão do amor comunicativo de Deus e do mundo por Ele criado, sem limites da vida trinitária. Esta unidade trinitária é integradora e inclusiva. Pois, ela destina-se à plena glorificação de toda a criação no Deus trino, sanando o que está doente, libertando o que está cativo, perdoando o que está ofendendo a comunhão divina. Esta integração trinitária deve mostrar-se já agora na história, na medida em que se superam as ruturas da comunidade, como sublinha a

[52] - Emmanuel Kant, *Obra citada*, págs. 9-10
[53] - John Dewey, Obra citada, pág. 21
[54] - Paula Cristina Pereira, *Condição Humana e Condição Urbana,* pág. 14

sagrada Escritura: não há judeu nem grego, não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo (cf. Gal. 3,28).[55] E, instaura-se assim, a economia do dom da comunhão, atendendo às necessidades, numa comunidade onde haja "um só coração e uma só alma" (cf. Act. 4, 31-35).[56]

O próprio nome: "*comunidade*", só tem sentido, quando aplicado a um determinado grupo de pessoas, que coabita o mesmo espaço e partilha os mesmos costumes, hábitos, padrões, espectativas, etc. A partilha dos valores e padrões de vida entre os membros da comunidade, não é tão automática ou instintiva quanto se parece. Exige consenso da comunidade. Isto implica que cada membro teria que saber ou ter consciência do que os outros sabem, esperam, toleram, aprovam e reprovam. Ou seja, as crenças e ideias de cada elemento da comunidade tomariam a forma semelhante às do seu grupo.[57] O que exige que houvesse um acervo cultural e informacional partilhado pela comunidade.

Não admira que as teorias antropológicas, que não incorporam a disciplina na vida individual do homem, não conseguem ter uma conceção positiva da sociedade. O estado natural e de guerra generalizada de Hobbes é um estado em que os indivíduos, não têm obrigações mútuas de reconhecer nenhum padrão de vida nem regra de conduta social. Consequentemente, os indivíduos nesse estado, seguem uma vida selvagem de extermínio mútuo, pela consecução de interesses egoístas. Mesmo Rousseau que tem uma conceção otimista do homem natural, convenceu-se que, com o surgimento e complexificação da sociedade, o homem natural perdeu a sua docilidade natural, a qual devia ser restaurada pela educação.

Neste âmbito, o projeto de Rousseau com *Emílio* é de restaurar o homem corrompido pelas concupiscências da sociedade. Ou seja, a educação devia "devolver" ao homem a docilidade que lhe é naturalmente inerente. Contrariamente a Hobbes, Rousseau sabia que o contrato social não seria suficiente para o estabelecimento de relações humanas saudáveis e restauração da dignidade humana. Era necessário que os seres humanos, fossem educados segundo princípios pedagógicos, concernentes à sua

[55] - Sagrada Escritura, *Gal. Cap. 3, vers. 28.*
[56] - Sagrada Escritura, *Act.* cap. 4, Vers. 31-35
[57] - John Dewey, *obra citada*, pág. 22

bessência natural. O contrato podia estabelecer uma nova ordem e harmonia social, não o crescimento harmonioso e equilibrado de cada indivíduo. Tal tarefa, só podia ser realizada única e exclusivamente pela educação. E Kant não hesita em realçar no âmago da própria educabilidade do ser humano, as dificuldades que a educação tem de enfrentar, na realização do projeto antropológico, em profunda imbricação com o projeto educativo.

Por isso, o projeto rousseauniano é o de construir o homem, fazendo-o seguir a sua própria natureza, e nisso, consiste a felicidade humana. "O homem natural é tudo para si mesmo".[58] A par deste projeto de construção do homem, encontra-se a ideia de que é preciso reformar a sociedade, que tal como está, é má, porque se desnaturalizou. "Tudo está bem ao sair das mãos do Autor das coisas; tudo degenera entre as mãos do homem".[59] Por conseguinte, a educação deve inscrever-se como necessidade do próprio homem, para a restauração da sociedade.

## 3.5. O homem como único ser educável

Qualidade inerente à sua natureza, a educabilidade identifica, à partida, a especificidade humana. Por isso, de acordo com Kant, só o homem é educável. Mas, por o ser, ele é remetido implicitamente para um futuro que, desde ai, desafia, ultrapassa e anula a prevalência dos limites e das determinações naturais. A educabilidade, por isso, impõe ao homem o seu destino, que para ser um destino humano, tem de ser voluntariamente construído. E, de acordo com Rousseau, podemos afirmar que, a educação não é uma tarefa que se limita ao ambiente escolar, a programas ou a instituições específicas, mas sim, uma ação global de desenvolvimento do homem em todas as suas necessidades. Por isso, a vida em si é uma obra educativa que se realiza na intensa e constante interação do homem com o seu meio. O que implica e transcende o indivíduo; o que passa pela história; o que pressupõe uma teleologia crítica. E o homem se torna o centro da própria educação.

[58] - Jean-Jacques Rousseau, *Emílio,* pág. 18
[59] - Ibidem, pág. 15

Todavia, é importante estabelecermos aqui uma distinção entre educação, ensino e treinamento. Estes conceitos básicos podem ser perspetivados em diferentes planos de análise: a educação, plano matricial, que forma o homem/mulher para viver como ser autónomo e como ser social. Forma entre outras, a base da estruturação individual, ao nível cognitivo/linguístico, psicológico/lógico e social e político, condição da sua estruturação individual, como dissemos, mas também da sua existência numa cultura e sociedades humanas. A educação corresponde, essencialmente, à estruturação da pessoa nos seus primeiros anos de vida, mas, é um processo que vai ajudá-lo a formar o seu carácter ao longo de toda a sua existência. O ensino, por sua vez, precisa de apoiar-se sobre o plano da educação para se concretizar, configura a formação profissional, capacita a pessoa para uma profissão ou ocupação, preparando-a para sua vida produtiva dentro da sociedade. É ai, que se constrói o engenheiro, o médico, o administrador ou outra ocupação. É possível ensinar alguém durante qualquer fase da sua vida, mas, é difícil educar uma pessoa em qualquer fase da sua vida posterior à sua infância. Um exemplo de ensino possível ao longo da vida é a capacitação em um novo idioma, mas, o ideal é que a pessoa seja educada já dentro de determinado idioma.

Para falar de ensino é necessário falar também do seu outro lado da moeda: a aprendizagem. E é importante lembrar, ainda que superficialmente, as teorias cognitivas. Elas são divididas em três grandes grupos: as *behavioristas*, que entendem que aprendizagem é sinónimo de mudança de comportamento corrente da experiência; as teorias *instrucionistas*, que acreditam que o conhecimento é transferível de uma pessoa para a outra; e as teorias cognitivistas, que entendem que o conhecimento é construído pela própria pessoa, fruto de seu esforço e da sua interação social dentro de uma cultura. Portanto, quando falamos em capacitação e atuação técnica, estamos a falar em ensino e em treinamento e não em educação. Falamos de competência e habilidades. É possível ensinar quem não tem boa educação? Certamente que sim, porém esse ensino ficará como que «suspenso no ar»; sem indiciar atribuição de sentido pessoal à informação recebida, não é possível conceber reflexões singulares importantes para a consolidação do profissional na sociedade. Por outro lado, o treinamento precisa de apoiar-se sobre a educação e sobre a instrução, formando o executor de determinado

procedimento ou sequência de atividades, ou seja, forma o especialista, o melhor executor possível, aquele que domina o *modus operandi* de uma determinada tarefa. É possível treinar quem não teve educação e ensino? Certamente que sim, porém ele se transformará apenas num executor, em geral sem condições de melhorar a técnica aprendida e sem condições de refletir sobre o seu contexto e a sua própria formação.

O treino é um ato de preparar um animal, uma pessoa para prática de um desporto através de exercícios, ou seja, para se tornar apto a desempenhar uma determinada atividade. Por exemplo, um animal (cavalo, cão farejador, équa, gato, etc.) pode ser também treinado, para desempenhar uma certa atividade desportiva, e não só, mas a sua habilidade, não vai para além das capacidades naturais (correr, curvar, saltar, cheirar, etc.), segundo o treino que se lhe dá, por meio de exercícios repetitivos, para habituá-lo agir sempre da mesma forma (exige muito tempo). No entanto, no homem é diferente, porque sendo homem animal racional, é capaz de ultrapassar a sua natureza carente, para, por meio da educação, ensino e treinamento, conquistar o *seu* lugar numa cultura e numa sociedade. A tarefa educativa é algo de capital importância, porque dela depende o aperfeiçoamento do homem e o da sociedade.

Por isso, diz Kant que toda a educação deve assentar em princípios. Educação e instrução não devem ser meramente mecânicas; é preciso que elas repousem em princípios".[60] Um desses princípios, e da maior importância, expressa-o nestes termos:

> "Eis um princípio da arte da educação, que os homens que fazem planos de educação, particularmente deveriam ter sob os seus olhos: não se deve somente educar as crianças, segundo o estado presente da espécie humana, mas segundo o seu estado futuro, possível e melhor, quer dizer, conforme à ideia de humanidade e ao seu destino total. Este princípio é de grande importância. Os pais, de ordinário, só educam os filhos com vista a adaptá-los ao mundo atual, por mais corrompido que ele esteja. Deveriam, pelo contrário, dar-lhes uma educação melhor, a fim de que um melhor estado possa daí surgir no futuro".[61]

[60] - Emmanuel Kant, *Obra citada*, pág. 84
[61] - Ibidem, págs. 79-80

A educação sempre foi ao longo da história, e ainda hoje, continua a ser objeto de preocupação do homem. Tanto maior é essa preocupação do homem pela educação, quanto mais agudo é o seu sentimento de viver um tempo crítico, um período de crise. A temática da educabilidade foi tratada numa dupla perspetiva: antropológica e educativa, como nos parece imprescindível. A educação, visto ser um processo que visa o desenvolvimento harmónico do ser humano, nos seus aspetos intelectual, moral, e físico e a sua inserção na sociedade, e na certeza de que a educabilidade marca o homem enquanto um ser suscetível de um progresso, ele (o homem), por isso, tem de tomar nas mãos próprias a sua construção.

Uma boa educação, aquela que é capaz de reformar o homem e a sociedade, é portanto, uma educação diferente da que se pratica; é uma educação conforme à natureza e o seu alvo. Mas tal educação, só é sã, quando os homens a realizam de acordo com a natureza. Então, só uma educação natural construirá o homem como homem.[62] Por isso, é possível que a educação se torne cada vez melhor e que cada geração dê um passo a mais, em direção ao aperfeiçoamento da humanidade; porque é no âmago da educação que se encontra o grande segredo da perfeição da natureza humana.[63] Todavia, a educação deve partir do homem como ser psíquico-físico para chegar à *pessoa*, por uma consciência valorativa, mas, ultrapassando os graus inferiores, realizando-se na pessoa, a mais completa interiorização, que vai além da sua realidade concreta de espaço e de tempo.[64]

Na realidade, diferentemente do que ocorre nos outros animais, a evolução humana, não é a simples resultante linear do potencial genético, integralmente definido e conduzido pela natureza já que existe, inclusive, a possibilidade de se operarem desvios à efetiva realização de destino do homem enquanto tal. Na verdade, a natureza proporciona ao homem, a possibilidade de se tornar um ser livre dentro da ordem da razão.

Cada geração, instruída com os conhecimentos das gerações precedentes, está sempre apta para estabelecer uma educação no processo multireferencial de

[62] - Jean- Jacques Rousseau, *Obra Citada*, págs. 16-21
[63] - Emmanuel Kant, *Obra citada*, pág. 74
[64] - Paula Cristina Pereira, *Amor e Conhecimento,* pág. 69

desenvolvimento e uma maneira final de proporcionar todas as disposições naturais do homem, que assim conduza toda a espécie humana ao seu destino.[65] Todavia, o homem deve reconhecer-se progressivamente, como autor do seu próprio destino, demarcando-se, assim definitivamente, das amarras de um determinismo biológico, dentro do qual se desenvolvem as restantes espécies animais. Desta maneira, a matriz natural do homem, adquire a singularidade de um estatuto que o *condena* à superação.

[65] - Emmanuel Kant, *Obra Citada*, pág. 77

# Capítulo 4 - Educação, ensino e aprendizagem

## 4.1. - Ensinar e aprender

Aprender, não é necessariamente, o correlativo de ensinar, no sentido em que, o primeiro verbo serviria de forma passiva ao segundo. Aprender, não é de forma alguma, um verbo passivo. «Informar-se», «exercitar-se», «instruir-se», nas três expressões a construção pronominal indica bem que aprender é um ato, e um ato que o sujeito exerce sobre si mesmo. Neste sentido, pode-se aprender, e até muito, sem professor e até sem ensino. É assim, que a criança aprende a sua língua materna e muitas outras coisas. Mas todo este conjunto de experiências constitui menos o que saberá do que será. É isto, que podemos chamar de educação espontânea, ao contrário da educação intencional, ministrada em instituições previstas para o efeito. Inversamente, pode-se sofrer um ensino sem nada aprender, ou pelo menos, sem que aquilo que se aprende, esteja proporcionado aos esforços e à competência do professor.[66]

Todavia, em todas estas formas de educação, subjaz a sabedoria divina, sobre a qual se faz todo o esforço para o crescimento intelectual e humano em todos os sentidos.[67] A partir da perspetiva de Santo Agostinho, podemos ver, o quanto a teoria empirista posterior, reduz o ensino a uma transmissão e a uma inculcação; não explica a compreensão. A corrente filosófica em que se situa Santo Agostinho, parte ao contrário, do *compreender* e mostra que o espírito é capaz de aprender a compreender porque é espírito; que o intelecto é o pré-requerido de qualquer ensino verdadeiro. O seu livro *De Magistro (O Mestre)* é significativo no próprio título, que põe o «mestre» no singular. Discípulo de Platão, Agostinho retoma a palavra «reminiscência», para afirmar que aprender nunca é mais do que descobrir em si, as verdades eternas que cada um de nós traz em si, sem disso ter consciência. Discípulo de Jesus, refere-se às suas palavras: «para vós não exigis que vos chamem «Mestre» (*rabbi, didaskolos):* pois, só tendes um

[66] - Olivier Reboul, *O que é Aprender,* pág. 14
[67] - João Boavida, *Filosofia do saber e do ensinar,* pág. 228

único Mestre e sois todos irmãos» (cf. Mt. 23, 8).[68] Um único Mestre, que é o verbo divino, racional e eterno e fonte de toda a sabedoria humana. Apesar da referência ao Evangelho, a posição de Agostinho neste ponto, é inteiramente racionalista. Ele parte do facto aparente, que o ensino é uma transmissão que vai do professor para o aluno, pelo canal da linguagem e que a linguagem é didática por essência, visto que, tem dupla função: ensinar e advertir.

Misteriosa é a sabedoria humana, pois é uma verdade eterna que surge com o homem por ser criado a imagem e semelhança de Deus. Mas ela exige tal colaboração do homem, que passa pelo interesse, vontade ou desejo, esforço ou empenho de aprender ou de fazer algo. Quando esse esforço não brota do homem, enterra-se o dom (a semente da sabedoria) que há nele.

Um contacto pessoal, que tivemos com alguns adolescentes estudantes, levou-nos a pensar que deve haver muita dificuldade, por parte daqueles que educam, orientam, instruem e ensinam, porque muitos dos formandos desejam avançar para níveis superiores, em diferentes processos de formação e escolarização, mas pouco esforço fazem para isso e apostam no mais fácil.

Sente-se que hoje, muitos alunos, pais e professores se debatem com o problema da ausência ou da fragilidade das aprendizagens. É como se alastrasse o *vício* de ensinar (entendido aqui, como a mera transferência de conhecimentos, em doses orais de cinquenta minutos) e a simples ideia de *consumir* o ensino proposto, e recuasse o hábito de aprender, o gosto de descobrir por si, de compreender e fruir, e construindo, lentamente, um modo próprio de ser e estar. Se pensarmos bem naqueles que são aprendizes, podemos verificar que, compreender é um ato que não se pode delegar, pois, baseia-se numa ação pessoal que ninguém pode fazer por outrem. E aprender implica a mobilização de cada um, com as suas características próprias, únicas e irrepetíveis. Aprender requer atividade e interesse, exige que cada pessoa saia de si mesmo, se abra para a novidade e desencadeie uma apropriação pessoal, face ao que lhe é imposto, formal e informalmente. Ora, o objetivo central da educação, mesmo da educação formal e do ensino, é o de fomentar, o desenvolvimento das capacidades de cada um, ou

[68] - Sagrada Escritura, *Evangelho de São Mateus*, cap. 23, vers. 8

seja, o de proporcionar a cada um a realização do seu potencial humano em moldes que sirvam também o bem comum.

Assim, a ação educativa envolve um movimento de continua interação, entre o *de dentro e o de fora*, interior e exterior, movimento esse que é, no contexto escolar, iniciado sob a ação dos professores. Fora do contexto escolar, na família, no grupo de amigos, no contacto com 'os *média'*, noutros grupos e instituições sociais, também se desenvolve (e muito) a educação, sob a ação dos mais variados estímulos.[69]

Uma das grandes fraquezas do sistema escolar de massas, é que, muitas vezes, queda-se pela prestação de um serviço de ensino, sem mais. E, neste ato de autolimitação, desvaloriza-se ou se esquece quantas vezes é preciso um tempo e que são necessárias certas atitudes e disposições pessoais, bem como algumas condições importantes, envolventes para que efetivamente se aprenda. E, além disso, cada um *escreve*, passo a passo, um pessoal próprio de aprendizagem e de desenvolvimento. Os sistemas educativos desgastam-se (gastando muito dinheiro) a ensinar; mas, estas poderosas máquinas não valorizam do mesmo modo o aprender. Alguns podem dizer que se fazem muitos testes! É verdade, cada aluno, hoje em dia, faz mais de trezentos testes ao longo do ensino básico. Mas, o drama é que este esforço, que é exigido ao aluno tem uma base meramente cognitiva e visa essencialmente determinar, se o aluno reteve, pelo menos durante doze horas, este ou aquele conteúdo disciplinar, se acompanhou o professor e o manual ao ritmo e ao modo que lhe foi proposto.

Além disso, os sistemas de educação e ensino, ao centrarem os seus objetivos e os seus recursos na função "ensino", estão a optar pelo exercício de uma função altamente seletiva: só uma pequena franja dos alunos está, à partida, capacitada para acompanhar os professores, no seu tempo e no seu modo. É minoritário também o número daqueles que dispõem em casa de extensões permanentes de salas de aula (por ex., não será por acaso que 40% dos alunos que acedem às "grandes écoles", em França, são filhos de professores).

Nas escolas de massas, é muito importante que o ensino seja completado com o fazer aprender, com o fomento de reais e individuais aprendizagens significativas,

[69] - Joaquim Azevedo, *Voos de Borboleta – escola, trabalho e profissão,* pág. 16

tornando esse benefício acessível a todos. Fazer aprender é colocar os alunos a realizar atividades de aprendizagem; é manter diálogos com os alunos; é ter professores que falem menos para *ouvir* a voz dos seus estudantes; é proporcionar melhores e outras explicações aos alunos; é sugerir; é disponibilizar materiais e fontes auxiliares de informação; é utilizar também as ideias e sugestões dos alunos; é utilizar uma linguagem acessível; é escutar atentamente; é dar oportunidades aos alunos de se expressarem; é recorrer às formas flexíveis de agrupamento; é fomentar a cooperação entre os alunos, é, no fundo e só, *facilitar o aprender e possibilitar o ser*.

Conhecem-se muitos professores, que se preocupam e se ocupam, no dia-a-dia, em enriquecer o ensino e provocar aprendizagens pessoais nos seus alunos: são professores e escolas que tudo fazem, dentro de limites, às vezes bem difíceis, para expandir, nos alunos, a capacidade de perceber, de participar, de experimentar, de errar, de recomeçar, de cooperar, de gostar, de ser. É esta ação educativa que surge incentivar para desenvolver o ser humano e melhorarmos a vida na nossa casa comum, para fazer crescer a responsabilidade social e as competências para o exercício dos diversos papéis sociais.

A educação escolar, para ter futuro e contribuir nesse futuro para o desenvolvimento humano, tem de ultrapassar qualquer perspetiva estritamente utilitária, mais ou menos exclusivamente vinculada à qualificação do pessoal necessário, ao mundo da produção, para se colocar como um elemento constitutivo do próprio desenvolvimento, o qual tem por fim último, o ser humano.

Numa palavra, aprender só será o correlato de ensinar mediante duas condições: em primeiro lugar, que se esteja submetido a um ensino e, em segundo lugar, que este ensino tenha atingido a sua finalidade. Por exemplo: «ensinou-me inglês»; «ensinou-me a conduzir»; «ensinou-me a raciocinar». No último exemplo, «ensinar» indica simultaneamente um ato e o seu êxito, ao passo que no primeiro o facto de me ter ensinado inglês não implica necessariamente que o tivesse aprendido.

Na obra O *Mestre,* Santo Agostinho diz: «não lhe ensino quando digo a verdade, contemplo-a». Três casos podem de facto existir: ou o aluno ignora a verdade que lhe ensino, e reagirá ao meu discurso pela fé, a opinião ou a dúvida, mas não terá aprendido

nada. Ou ele sabe que é verdade e aprova-me. Ou ainda sabe que é falso e rejeita o que lhe digo. Nos três casos, as minhas palavras não lhe ensinaram nada. Se os alunos não conhecem já a verdade, podem acreditar mas não aprender; se já a conhecem, são então «os juízes do mestre». Isso quer dizer que o «mestre não o é realmente: pois, não sabe mais do que falar e falar não ensina. O homem não pode ensinar o homem; só o verbo divino é que o pode fazer.[70]

## 4.2. - O duplo sentido da aprendizagem

"Uma aprendizagem intelectual caracteriza-se pela sua generalidade, pela capacidade de extensão e de transferência, a elementos que não fora objeto do ensino recebido".[71] Pela aprendizagem, alargamos as estruturas compreensivas à áreas novas, o que quer dizer que, os modos como interpretamos a realidade são reformulados pelos novos elementos, dando origem a novos conteúdos.

E quando se faz a distinção entre ensino e aprendizagem, decerta maneira, pressupõe-se uma espécie de anterioridade do ensino – uma vez que, em termos elementares, é o ensino que provoca a aprendizagem. E neste caso, a dupla expressão, significará o duplo momento de uma realidade conjunta. Mas, se a aprendizagem é a assimilação de elementos novos e a sua integração em enquadramentos prévios, a aprendizagem não pressupõe, necessariamente, nem o professor, nem uma situação educativa específica. Entende-se aqui a aprendizagem de uma forma genérica e abstrata (esquemática). Uma aprendizagem enquanto ato e efeito de assimilação é reformulação de dados novos, independentemente dos fatores e da situação que a provocaram. Estes, como se sabe, sendo atualmente muito diversificados e atuando em múltiplas situações, não estão necessariamente dependentes de uma situação escolar nem de um professor.[72]

Assim, podemos dizer, em resumo, que a relação educativa não é mais exclusiva da situação escolar, não só porque as hipóteses de formação científica e cultural fora da escola são cada vez maiores, mas também, porque as interações e as

[70] - Olivier Reboul, *O que é Aprender,* pág. 168
[71] - Marcel Lebrun*, Teorias e métodos pedagógicos para ensinar e aprender,* págs. 42-43
[72] - Ibidem. Pág. 43

trocas de informações hoje, se multiplicam em número, variedade e riqueza. É necessário conceber a relação educativa na sua esquematização mais simples e na sua dinâmica mais geral, para que possa integrar efetivamente, todas as situações de aprendizagem. Com efeito, a aprendizagem não é concebida como simples desenvolvimento das performances ou das capacidades, mas, pode ser também uma outra disposição chamada "atitude", "interesse" ou mesmo "valor", o que implica uma mudança qualitativa na personalidade. Um crescimento de capacidades, ou de melhores performances é de natureza diferente de uma mudança de atitudes, ou de interesses, os quais pressupõem valores e métodos.[73] Mas, a aceitação e o reconhecimento do valor, pressupõe a reformulação dos elementos das aquisições anteriores, sendo portanto, o resultado da adoção de uma perspetiva de diferente natureza.[74] E o que será porventura a nota mais característica da aprendizagem, é a capacidade de apropriação de novos elementos.

## 4.3. - Aprendizagem e comunicação

Também não poderíamos deixar de referir que, atualmente já existe um forte apelo para a comunicabilidade, para a fraternidade, e não para um estéril isolamento.[75] E isto reforça assim, o poder e o valor da educação, em ajudar o homem a conhecer-se, a compreender-se e a distinguir-se dos outros seres, abrindo-se aos outros, por meio da comunicação, e a si mesmo, por meio da relação que estabelece com eles.

Tal como recordamos anteriormente neste trabalho, há muito que foi enunciado, que o ser humano vem ao mundo desprovido de conteúdo cultural e intelectual, pelos quais se distingue e se distancia dos animais. A diversidade e as incessantes mudanças que se evidenciam na vida dos seres humanos, demostram o papel determinante da herança cultural e civilizacional que as pessoas vão assimilando ao longo do seu ciclo de vida. Com o contacto direto e indireto com os parentes, amigos e a sociedade, as

[73] - Ibidem. Pág. 208
[74] - Ibidem. Pág. 208
[75] - Paula Cristina Pereira, *Condição Humana e condição Urbana,* pág. 57

crianças começam a andar, a falar, a cuidar de si, a cultivar convicções, e a seguir ideais. Com o passar do tempo, essas crianças tornam-se pessoas adultas, com formas de pensar e de agir completamente diferentes da fase infantil e de adolescência. Mas o mesmo não se pode dizer em relação a uma gaivota ou a uma vaca. Até uma determinada altura da vida dos animais, verifica-se um nivelamento de forma de agir e de usar a inteligência. Depois de desenvolver todos os talentos animais, parece não haver mais possibilidades de a gaivota ou a vaca assimilar mais alguma novidade em sua vida. Qualquer esforço de lhes comunicar uma nova coisa, que não esteja relacionada ao seu talento natural, fracassaria, pois, fora do que lhes foi determinado pela natureza, a gaivota e a vaca não têm capacidade de aprendizagem de novas coisas no mundo.

A comunicação e a aprendizagem são ‘fenómenos’ que acompanham toda a vida do ser humano e dizem respeito exclusivamente a ele. Em todas as suas dimensões, a educação implica transmissão e receção de determinados conteúdos, sob o uso de procedimentos comunicativos que tornem o processo efetivo. Em rigor, não há aprendizagem sem uma boa comunicação. As críticas que são geralmente feitas, a alguns modelos de aprendizagem dizem respeito em última análise, aos modelos de comunicação em que se fundam.

A palavra comunicação tornou-se popular e é usada hoje para denominar os problemas de relações entre trabalhadores e dirigentes, entre nações, entre muitas pessoas em geral. As pessoas podem comunicar-se em muitos níveis, e de formas diferentes.

Comunicação vem do latim «*communis*», comum. O que introduz a ideia de comunhão, comunidade. Assim, comunicar significa tornar comum, estabelecer comunhão, participar da comunidade, através do intercâmbio de informações. A palavra comunicação decerto que é utilizada desde há muito. E a verdade é que todos temos uma ideia sobre a natureza da comunicação, dada a naturalidade com que falamos, escrevemos e nos relacionamos com os outros, através justamente da comunicação. Enquanto para muitas pessoas comunicar consiste apenas em se expressarem através da fala e da escrita, manifestando as suas ideias e sentimentos, ela alarga-se de tal forma

que, acredita-se ser a solução para todos os problemas do homem e até da própria sociedade (pois, a comunicação invade assim todos os campos).

> «Tal imperativo corresponde a uma dupla necessidade: histórica e antropológica. Histórica, porque a comunicação como valor primordial, surge precisamente no período do pós-guerra, uma época de instabilidade e dúvida perante os valores tradicionais e as conquistas tidas como irreversíveis. Antropológica, porque a representação do homem, como *homo communicans*, como «ser comunicante», é a de um ser por inteiro voltado para o social, que não existe senão através da informação e da sua permuta».[76]

A palavra aprendizagem no pensamento de Reboul, não designa em francês (nem em português), a atividade de aprender em geral. Conservou durante muito tempo, um significado restrito. Derivado da palavra «aprendiz», só designava «o facto de aprender uma profissão manual ou técnica», em oposição ao estudo, quer dizer, à aquisição de conhecimentos desinteressados, constituindo uma cultura liberal. Encontra-se num outro sentido, igualmente limitativo, já não quanto ao objetivo, mas, quanto ao grau de aquisição: a aprendizagem são «as primeiras lições, os primeiros ensaios». Para Reboul a definição da aprendizagem não pode dispensar a finalidade, pois ela, não é a aquisição de um comportamento qualquer, mas sim, do poder de provocar comportamentos úteis ao indivíduo ou a outros. Ele diz a 'outros', porque, o que se aprende no exército ou numa fábrica não é necessariamente útil ao próprio aprendiz. Diz 'poder', porque o comportamento adquirido só se revela útil na medida em que o indivíduo o pode reproduzir à vontade numa determinada situação. Desta maneira, uma mania, um hábito, rotineiro ou compulsivo, não podem ser considerados como «adquiridos»; não se «aprende» a tornar-se um alcoólico; pelo contrário, dir-se-á que um ator aprende a mimar certas rotinas ou certas paixões. Define a aprendizagem como aquisição de um saber-fazer, quer dizer, de uma conduta útil ao indivíduo ou a outras pessoas, e que pode reproduzir à vontade se a situação o permitir. Esta definição, vale

[76] - Maria João Couto, "*Relação educativa enquanto comunicacional", in Actas do Iº Encontro Nacional da Filosofia da Educação* (artigo, pág. 177).

tanto para o saber-fazer do cão, que «aprendeu» a trazer à caça como para o do esgrimista ou do jogador de xadrez.[77]

### 4.3.1. - A aprendizagem e comunicação como necessidades humanas

Desde os gregos até aos nossos dias, o ser humano, foi geralmente visto como um ser social. O homem é essencialmente social, porque é na sociedade e por meio dela, que se podem realizar todas as dimensões antropológicas que lhe são características. Fora da comunidade, o ser humano não pode desenvolver nenhuma característica cultural pela qual se pode distinguir dos animais. Como já referimos no capitulo anterior, as surpreendentes notícias, vindas de quase todas as partes do mundo, sobre os meninos perdidos e criados por animais selvagens, mostram que tais meninos, não somente têm suas experiências psicológicas inteiramente selvagens, como também, não podem exibir certos comportamentos que se acreditava serem meramente biológicos. Vários meninos que passaram sua infância na companhia de animais, não tinham adquirido a posição ereta e se locomoviam com as pernas e os braços; não tinham desenvolvido a habilidade de expressar suas emoções pelo riso e pelo choro; não lhes eram indispensáveis alimentos cozidos e a higiene. Tornou evidente que estes aspetos básicos aparentemente relacionados aos genes do organismo humano são, afinal de contas, legado da comunidade.

O homem é o que é, em virtude de viver numa comunidade, da qual aprende e apreende, desde cedo, o modo de existência e de ser dessa comunidade. A comunicação é o meio pelo qual o homem passa a ver as coisas partilhadas pela comunidade. Desde criança, ao ser humano é transmitido as crenças, as aspirações e os desafios da comunidade em que se encontra inserido. Sem comunicação, as crianças teriam dificuldades de partilhar a cosmovisão da comunidade e viver em comum com os seus semelhantes. A própria etimologia da palavra comunicação, do latim «*communis*», comum, remete para a ideia da comunhão, comunidade. A comunicação é o elemento

[77] - Oliveir Reboul, *O que é aprender*, págs. 41-42

que estabelece a comunhão entre os membros da comunidade; e a comunidade só é real como comunidade, onde há algo comummente partilhado. Por isso, a representação do homem como *homo communicans*, como «ser comunicante», é a de um ser por inteiro voltado para o social, que não existe senão através da partilha e da permuta.[78] E por sua vez, na perspetiva comunicacional desenvolvida pelo conhecido Colégio de Palo Alto, afirma-se que a comunicação desenvolve-se em vários níveis e não apenas do emissor para o recetor, numa relação simétrica. A comunicação é como uma orquestra sem maestro, na qual todos os músicos são parte, e fazem a sua própria música, a partir de códigos comuns que orientam seus comportamentos. Desta forma, vê-se que a ideia-chave é o carácter relacional e integrado da comunicação, já que ela se realiza em múltiplas redes de significação.[79]

Sem entrarmos em detalhes, podemos sim dizer que, esta comunicação se desenrola em diversas dimensões: a dimensão logotécnica, dimensão discursiva e a dimensão crítica, para assim poder atingir, todas dimensões da sociedade e do homem.

Mas, a comunicação das crenças, aspirações, normas e metas da comunidade é também, o meio pelo qual a sociedade se perpetua de geração em geração. Isto é, gerações novas aprendem das mais velhas a *ethos* social, o legado através do qual os membros da sociedade se identificam e se distinguem doutras sociedades. Por isso, a aprendizagem, no seu sentido lato, tem uma dimensão comunicativa. A aquisição de competências, habilidades, conhecimentos e valores, resulta de uma relação comunicativa com pessoas ou ideias e experiências de pessoas próximas ou distantes, vivas ou que cessaram de existir.

Quererá isto dizer que toda a aprendizagem é dialógica? Muitas vezes, aprendemos novas coisas a partir de experiências pessoais, e até de forma acidental. O mesmo acontece com a comunicação. A comunicação com outras pessoas ou outros seres, é apenas uma dimensão da comunicação. Podemos comunicar também connosco mesmos, sem interferência de uma ou mais pessoas.

---

[78] - Couto, *A relação educativa enquanto relação comunicacional (artigo- pág. 178)*

[79] - Viviane Borelli, *Unisinos – É impossível não comunicar: reflexões sobre os fundamentos de uma nova comunicação (artigo- pág. 78)*

Contudo, quando falamos do tipo de comunicação que estabelece a comunhão entre os membros da sociedade, estamos no âmbito da comunicação intersubjetiva e em grande parte, da comunicação dialógica ou discursiva. A linguagem ocupa um lugar importante nesta dimensão comunicativa, em virtude de coordenar o entendimento entre os dialogantes, o que permite reciprocidade e unidade no significado e consenso. A linguagem e comunicação dialógica são duas faces duma mesma moeda. E de acordo com Couto, a linguagem e a relação supõem-se uma à outra.

Quando questionamos o caracter dialógico da comunicação, queremos em outras palavras, dizer que a comunicação faz parte da própria existência humana, que o diálogo com os outros, pressupõe antes de mais, um *conversar* consigo mesmo. Como diz Freixo, seguindo Paul Watzlawick, não se pode não comunicar, pois, todo o nosso comportamento é comunicação e até mesmo quando estamos em silêncio comunicamos. A não comunicação não existe. Assim, vemo-nos na impossibilidade de não comunicar, isto porque, mesmo um individuo sozinho tem a possibilidade de dialogar em fantasia. Se isto for verdade, poder-se-ia dizer que um indivíduo que faz um esforço para não se comunicar, em última análise estaria a comunicar-se consigo mesmo. A atitude de não-comunicação é já em si uma dimensão de comunicação. Por isso, é mesmo impossível não comunicar.[80]

É a partir da necessidade do homem de viver em sociedade, que ele tem também a necessidade de criar modelos de interpretação e de inteligibilidade do real. E nasce também outra necessidade: a de os comunicar. Tanto os modelos de interpretação como os de comunicação são criação do homem, socialmente organizado. Acontece que essa criação, por ser coletiva, resulta da interlocução constante entre os sujeitos fundantes de uma sociedade erigida em valores, normas e regras comuns. A aprendizagem destes valores, normas e regras orienta a educação para a sua dimensão axiológica. Igualmente para a sua relação intersubjetiva, isto é, comunicacional. A comunicação constrói-se na relação intersubjetiva, com vista à criação de cumplicidades que conduzirão os interlocutores, a um processo de intercompreensão da inteligibilidade do real. E a comunicação construída nesta relação dialógica, exige quem diz, quem ouve, e os meios

[80] - Paul Watzlawick e outros, *Pragmática da comunicação Humana*, pág. 44

e modelos comunicacionais. Diz Couto, que a comunicação parece-nos ser então, uma necessidade decorrente da própria existência humana, resultante da multiplicidade existencial dos seres, condição que nos obrigaria a comunicar[81].

### 4.3.2. - Comunicação e aprendizagem: similaridade dos processos

O processo da comunicação, tal como o da aprendizagem, é um 'fenómeno' que acompanha a humanidade e, em todas circunstâncias, a vida do próprio homem, constituindo igualmente, uma teoria da sociedade:

> «A teoria do agir comunicacional é essencialmente uma teoria da sociedade (…). A teoria da atividade comunicacional não é uma metateoria. É antes o ponto de partida (*Anfang*) de uma teoria da sociedade, que se esforça por justificar os seus parâmetros críticos.»[82]

Entendemos por comunicação, tanto os processos de transação entre os indivíduos, como a interação dos indivíduos com a natureza, dos indivíduos com as instituições sociais e ainda, o relacionamento que cada indivíduo estabelece consigo próprio. Os processos comunicacionais abrangem, por conseguinte, domínios extremamente diversificados que compreendem atos discursivos, assim como silêncios, gestos e comportamentos, olhares e posturas, ações e omissões. Os atos comunicacionais, podem no entanto, ser compreendidos em duas grandes dimensões da experiência humana: a dimensão expressiva, que diz respeito à elaboração de manifestações significativas, e a dimensão pragmática, que diz respeito à prossecução de transformações do mundo que nos rodeia, quer se trate do mundo físico natural quer do mundo institucional. Os processos comunicacionais, não abrangem, apenas os atos expressivos e os atos pragmáticos, explicitamente manifestados através de signos e comportamentos

[81] - Couto, *ob. Cit.,* pág. 177
[82] - Adriano Duarte Rodrigues, *Estratégias da comunicação,* pág. 67

materiais. Uma palavra esperada, mas não enunciada ou uma ação não realizada, mas esperada ou virtualmente sugerida, são igualmente atos comunicacionais. É por isso, que o silêncio e a omissão podem comunicar de maneira tão forte, como uma palavra proferida ou uma ação efetivamente realizada. Aquilo que não se disse e aquilo que se deixou por fazer pertencem igualmente ao domínio da comunicação, na medida em que são processos transformadores de interações.

No processo comunicacional, cada um dos mundos da experiência, serve de ponto de partida para a intercompreensão, mas, sofre alterações diversas que podem ir desde o alargamento ou estreitamento do horizonte hermenêutico, até ao seu deslocamento para mundos inesperados. Mas, só existe processo comunicacional, se cada um dos protagonistas, vir a sua experiência individual, transformada pelo confronto com a experiência do outro interlocutor. A relação entre os protagonistas da comunicação é por conseguinte, coextensiva a todo o processo de troca de mensagens ou de ações.

Na multiplicidade semântica do termo aprender, podemos, tal como explicitamos anteriormente, destacar alguns sentidos: aprender num sentido eminentemente cognitivo, enquanto acesso a uma informação; aprender num sentido práxico, operacional, implicando um saber fazer; aprender num sentido experiencial, vivencial, acarretando a globalidade do sujeito que aprende. E, com Isabel Marnoto, torna-se aqui pertinente destacar, de entre alguns níveis de aprendizagem referidos, a *aprendizagem progressiva*, também designada por metódica, que implica a consciência das tarefas necessárias à sua consecução. Esta faz com que o aluno se ponha a pensar *com* ou *contra* o texto em causa. E uma aprendizagem conseguida é aquela que é sempre reversível, maleável, permitindo a marcha dos princípios aos factos e o caminho inverso, em que é possível refazer o caminho percorrido iniciando-o em qualquer ponto do trajeto, permitindo, assim, que algumas *transferências* se concretizem. Daí, a necessidade do aluno aprender a pensar, pois assim, se assegura que pensará bem em qualquer domínio.[83] Podemos dizer que, o processo de aprendizagem tem muitas implicações para a teoria da comunicação. Pode-se mesmo alegar, que a relação se

[83] - Maria Isabel Marnoto (Org.), *Didática da Filosofia, pág. 256 - 1º vol.*

estende além deste ponto, e que o modelo de aprendizagem é em si, similar ou equivalente ao modelo da comunicação.

«Aprender a ser – diz Reboul no princípio do seu livro, *o que é aprender* – é a própria fórmula de sageza, cujo fim, não é tornarmo-nos mais sábios, mas sim, felizes e livres».[84] E assim, defende os valores da informação, da aprendizagem e da compreensão. A aprendizagem distingue-se da informação por implicar a atividade do sujeito e por não ser possível senão através dela. Ou seja, a aprendizagem é uma construção pessoal, porque se entende como um processo, como um percurso e não como um acúmulo de saberes, que apenas perspetivam mudanças de comportamento. Reboul define aprendizagem como aquisição de um saber-fazer, quer dizer,[85] de uma conduta útil ao indivíduo ou outras pessoas, e que pode reproduzir à vontade se a situação o permitir. Assim, a inteligência de um saber-fazer existe quando não há somente a reprodução de condutas adquiridas mas a aptidão de as adaptar a casos novos, de as modificar em função de situações insólitas.

De uma forma irónica, a aprendizagem é apresentada também como um paradoxo. Porquê irónica? Porque se "esboça" um sorriso quando relembramos Aristóteles na sua obra *Ética à Nicómaco*: "as coisas que temos de aprender para as fazermos, é fazendo-as que as aprendemos". É este o paradoxo, que revela a essência da aprendizagem e que o autor de uma forma eloquente, quase que primária, nos leva a descobrir. E, mostra-nos o quanto a formação ultrapassa a informação: o saber-fazer é um poder real, quer dizer permanente; temos de fazer o que não sabemos fazer para aprender a fazê-lo! É trabalhando na forja que se vem a ser ferreiro. Saber-fazer é poder fazer de novo, quando se quer e como se quer. O saber-fazer é poder adaptar a sua conduta à situação, fazer frente a dificuldades imprevistas. O saber-fazer é poder improvisar lá onde os outros se limitam a repetir. O saber-fazer bem é poder agir inteligentemente. E, termina apelando ao educador, que tome consciência da distinção que existe, entre uma aprendizagem humana ao serviço do indivíduo e uma aprendizagem puramente técnica ao serviço da sociedade. Uma aprendizagem humana é

[84] - Olivier Reboul, *O que é qprender, pág. 13*
[85] - Ibidem, pág.66

aquela que consegue chegar a determinado "saber-fazer", capaz de permitir a aquisição de outros múltiplos "saber-fazer" e, desta forma, educa-se a personalidade inteira. Por outras palavras, uma aprendizagem humana é aquela em que se aprende a aprender e, por isso mesmo, a ser.[86]

Se a aprendizagem humana se distingue do "aprender fazendo" animal, é pelo método, o qual permite ao homem economizar os erros. Este é o método que consiste em perceber o jogo. Dividir as dificuldades, coordenar os movimentos aprendidos, recapitular, é o método de que Descartes enunciou com as suas famosas R*egras*, para bem conduzir o espírito, no caminho do conhecimento. Método que vale tanto para o saber-fazer como para o saber. A aprendizagem fornece uma técnica, uma habilidade profissional, artística, desportiva, etc. A habilidade é a ordem dos meios, pode servir para qualquer fim. A arte do serralheiro, por exemplo, pode ser útil também ao ladrão.

Na aprendizagem, podemos apreender a comunicação no contexto pessoal. Visto que, falar sobre a comunicação no contexto pessoal é falar em parte sobre *como* as pessoas aprendem, e reconhece-se que a aprendizagem é um processo. Podemos dizer que o homem torna-se o centro da aprendizagem e da comunicação, porque tudo se realiza em torno dele e dentro dele. A comunicação e a aprendizagem os dois são veículos para transportar ou levar o homem para o conhecimento de si, dos outros e das coisas; para estabelecer relações de partilha, de comunhão e de interação. Por isso, se constituem numa necessidade básica e urgente de toda a vida humana. E, como já referimos: "não se pode não comunicar"; "é impossível não comunicar"; "a não comunicação não existe". Porque a comunicação é uma dimensão intrínseca do agir, entendido como dinamismo expressivo. Ser, é originalmente ser-com, da mesma maneira que o pensar envolve sempre o outro e mesmo o Infinito no seio do qual nos movemos. Por isso, "onde o homem enuncia a compreender, o poder fica sem limites.

*Aprender a ser* é uma experiência humana fundamental. Se não for satisfeita, tudo o que se pode aprender não é mais do que exterior e fútil. *Aprender a ser* é a própria fórmula da sageza, cujo fim não é tornarmo-nos mais sábios, mas sim, felizes e livres, como já referimos. No entanto, esta sageza não se ensina - só se adquire por meio

[86] -Ibidem, pág. 67

de uma longa experiência e com a condição de que, o indivíduo seja capaz de aproveitar a sua própria experiência".[87] Desta forma, aprendizagem e comunicação sendo processos decisivos na vida dos seres vivos, mas com pertinência no homem, nunca se dissociarão do homem e da sociedade. No entanto, o homem não pode desenvolver suas capacidades humanas e espirituais sem que esses procedimentos se inscrevam nele, potencializando o ser que *é* e que deseja *vir a ser*.

## 4.4. - O que se deve ensinar e necessita aprender

A escola, embora não seja a única instância educadora, comunica competências, saberes e valores específicos, que sem ela, desapareceriam. Na questão, do que se deve ensinar e aprender, importa ver, que qualquer sistema educativo pressupõe um juízo de valor, mais precisamente de preferência, o que significa na prática, que há coisas que n*ão valem a pena* serem ensinadas e outras que *não valem a pena* serem aprendidas. Qual seria então o critério?

> "Hoje, muitos seriam tentados a responder: merece ser ensinado o que é exigido pela produção económica e pela competição internacional. Tal critério é sem dúvida, importante, mas, segundo. Segundo, porque se fosse primeiro, sujeitar-se-ia o homem à máquina económica, far-se-ia dele um instrumento do instrumento, não um adulto livre e responsável. Pode aliás, observar-se um paradoxo: os países socialistas punham este critério – o trabalho produtivo – em primeiro lugar; ora o êxito económico não foi o seu ponto forte; ao passo que na cultura humanista, desde a leitura dos romances até à música, eles venceriam".[88]

Podemos então propor uma dupla resposta: deve ensinar-se aquilo que *une* (constrói o homem, as famílias, as sociedades) e o que *liberta* (de todo o erro e torna o homem livre, adulto, responsável). O que une é o que integra cada indivíduo, de um modo duradoiro e responsável numa comunidade tão vasta, quanto possível para contribuir no crescimento duma sociedade. Notemos que a integração só tem valor se

[87] - Ibidem, págs. 13-14
[88] - Idem, *Filosofia da Educação, pág. 81*

for duradoira. O fito real da educação é sempre a longo prazo; concerne não à criança, nem sequer ao adolescente, mas ao homem.

A especificidade do ensino escolar é que ele é, sem dúvida, o único a poder encarregar-se do longo prazo. "Sem dúvida"? Sim, a vida oferece-nos as ocasiões, por vezes infelizes, por vezes dolorosas, de aprender tal ou tal coisa que jamais será esquecida; cada qual pensa em determinado encontro que o "marcou para a vida". Mas tais encontros, não são programáveis, ao passo que o saber escolar é inteiramente programado. Programado para a vida.[89]

Também dissemos que, deve-se ensinar o que liberta. O que há de comum entre as diversas disciplinas, entre a educação física, técnica, artística, intelectual, e até entre os diversos ramos desta, o científico e literário? Podemos dizer que, a ginástica, a dança, o desporto, libertam-nos das nossas durezas, «faltas de jeito», crispações, desperdícios de energia. O ensino artístico, permite a cada um *expressar-se* e expressar o que quer e como deseja. O ensino intelectual, ao libertar dos chavões e dos preconceitos, permite expressar-se e pensar por si mesmo. Quanto à educação moral, ela não consiste em tornar as pessoas "conformes", mas, em libertá-las daquilo que as domina e as cega. A Sagrada Escritura sublinha esta reflexão de uma maneira certa: "Conhecereis a verdade e a verdade libertar-vos-á" (cf. Jo. 8, 32).[90] E na Bíblia, a verdade é aquilo em que nos podemos apoiar. Ela é igual a sabedoria: "adquire a verdade e não a vendas, adquire sabedoria, instrução e inteligência (cf. Prov. Cap.23, v. 23).[91] Um ensino liberta na medida em que é transferível: aprender a dançar, a pintar, a argumentar, outros modos de saber-fazer, que podem servir noutras situações diferentes daquela em que se adquiriram. E devemos ainda afirmar que o ensino liberta na medida em que *faz agir*. Pois, ensinar não é fazer saber, mas é fazer aprender.

Em suma, a libertação tem lugar pela ação. Assim, podemos falar de um problema capital para a educação, o do esforço. Sem entrarmos na análise psicológica, pode definir-se o esforço como a dificuldade que o indivíduo suporta para adquirir "o

[89] - Ibidem, pág. 82
[90] - Sagrada Escritura, *Jo*. cap. 8, vers. 32
[91] - Sagrada Escritura, *Livro dos provérbios*, cap. 23, vers. 23

que vale a pena", o cuidado de assumir voluntariamente a sua própria educação.[92] Tal esforço, também se aprende. O esforço é ao mesmo tempo um meio de aprender, o único, no final de contas, com que se pode contar e um fim, o que vale a pena aprender: aprender a *fundar-se* em si, em vez de cruzar os braços. Se o esforço não pode tudo, nada se pode sem ele; não há libertação sem a vontade de querer ser, de querer saber-fazer e de querer aprender. Jesus na Sagrada Escritura diz: "aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis paz e descanso para as vossas almas".[93] Tal aprendizagem, exige esforço e perseverança da parte quem o queira.

Assim, assumimos claramente que, deve-se ensinar e aprender aquilo que não torna o homem escravo do mal, do erro e da violência mas sim feliz e livre.

[92] - Olivier Reboul, Obra citada, pág. 83
[93] - Sagrada Escritura, *Mt*., cap. 11, vers. 29

# Capítulo 5. - Tudo começa e termina no mistério

Platão insiste na necessidade da filosofia, como aspiração para alcançar a sabedoria, nunca plenamente atingida. A filosofia constitui um permanente esforço em busca da verdade, da virtude, da felicidade, do Bem. Segundo Platão,

> "Todos os homens aspiram à felicidade", que consiste fundamentalmente na sabedoria, para além do prazer. Tal sabedoria deve ser real e vital e não apenas de palavras, como no caso dos sofistas, que escondiam a falta de bem viver com a arte de bem dizer.[94]

Vê-se na sociedade atual, que a educação começa na meninice ou na infância, para se poder cultivar a alma, o que se torna mais importante do que o corpo. Por conseguinte, a educação é sempre necessária para o conhecimento de tudo o que estiver ao alcance do homem e segundo a sua limitação.

A sabedoria é o conhecimento da causa última e eterna de tudo quanto existe. Ora, que outras causas podem, um filósofo crente, atribuir às coisas senão Deus? Por consequência, só podem ser sábios aqueles que têm em Deus o seu entendimento, constituindo pois a verdadeira sabedoria na viva e acesa fé com que, mediante a inteligência e até onde nos é permitido nesta vida, compreendemos e abarcamos Deus. É que, se o nosso alvo é a verdade, a sabedoria, é-nos mister pôr os olhos em quem é a verdadeira sabedoria – Deus.[95] A sabedoria do homem depende da de Deus (o autor de toda a Sabedoria).

> «O instintivo desejo de sabedoria, comum a todo o género humano, é uma prova da imortalidade da alma, pois demonstra o parentesco com a divindade e com os seres divinos, objeto da sabedoria. Quem apetece sabedoria, apetece ser igual a Deus, visto como só apetecemos aquilo para que nos encontramos adaptados, em cujo gozo se encerra a perfeição da nossa natureza».[96]

---

[94] - J. H. Barros de Oliveira, *Filosofia Psicanalise Educação, pág. 98*
[95] - D. Jerónimo Osório, *Tratado da Verdadeira Sabedoria, pág. 17*
[96] - Ibidem, pág. 18

Se a sabedoria é a descoberta da verdade, trata-se de empresa assaz dificultosa, pois, esta encontra-se bem escondida, como aliás reconheciam os antigos, que se proclamavam «amigos da sabedoria» e não sábios. Portanto, avantaja-se entre os sábios, aquele que reconhece que nada sabe. Ora, se esses antigos pagãos, que não puderam contemplar a aparência real da sabedoria, tanto se abrasaram por conhecê-la, quanto maior não é a obrigação que impende sobre nós, que podemos colher os seus frutos mais grados? Tornar-se-á sábio quem se aproxima de Deus para ser ensinado, mas para d'Ele nos aproximarmos, necessitamos de um guia[97] aquele que nos faz descobrir o que há em nós, aquele que faz desenvolver o que há em nós, aquele que nos faz crescer no conhecimento do que há em nós, que é o dom da sabedoria.

Por isso, na educação, busca-se uma ligação com a sabedoria, que há no homem. A educação ou a formação ou a instrução, etc., tudo isto, estimula a própria semente da sabedoria e a faz crescer no conhecimento daquilo que ultrapassa o próprio homem limitado, que não depende de si mesmo. Ora, se a vida do homem é guiada por Deus e depende desse Ser Supremo e esse Deus é a fonte de toda a sabedoria, então, a sabedoria do homem vem de Deus e d´Ele depende.

A arte humana, porém, imita a força da natureza e produz certas vãs reproduções e representações das coisas. Ora, os homens não foram feitos mediante artifício, mas produziram o artifício como engendro seu. Por conseguinte, as obras que são produzidas pela arte, porque foram feitas por homens, são de longe inferiores àquelas que foram produzidas pela natureza totalmente invisível. Além disso, contavam a religião e Deus entre as obras criadas pelo artifício dos homens. Com efeito, por astúcia dos homens previdentes, sucedeu que com o medo da divindade se pôs um freio à cobiça dos homens, a fim de que todos os mortais soubessem que existe um certo poder divino que observa e presta atenção a todas as criaturas e que determina em juízo retíssimo ou o prémio ou a condenação, em conformidade com o teor da vida de cada um.[98]

Diz Job na Sagrada Escritura sobre a sabedoria:

> "O homem põe a mão na rocha viva, derruba as montanhas pela base. Abre galerias nos rochedos, e os seus olhos descobrem neles, tudo o que há de precioso. Explora as

[97] - I*bidem,* pág. 19
[98] - Ibidem, Pág. 188

> nascentes dos rios, e põe a descoberto os tesouros escondidos. Mas onde se encontra a sabedoria? Onde está o lugar da inteligência? O homem ignora-lhe o caminho; não se encontra na terra dos mortais. O abismo diz: «Não está em mim». E o mar afirma: «não está dentro de mim». Não se compra com o ouro mais fino, nem se troca a peso de prata. Não se põe na balança com o ouro de Ofir, com o ónix precioso ou a safira. Não se pode comparar ao ouro nem ao cristal, nem se troca por vasos de ouro fino. A sabedoria vale mais do que as perlas. Não se comprar com o topázio da Etiópia, nem se pode cotejar com o ouro mais puro. Donde vem a sabedoria? Onde está o lugar da inteligência? Está oculta aos olhos de todos os viventes, e até às aves do céu está escondida. O inferno e a morte dizem: «apenas ouvimos falar dela». Deus é Quem conhece os seus caminhos e sabe da sua morada. Porque a Sua vista, alcança os confins da terra, e todas as coisas, que estão debaixo do céu, são patentes aos Seus olhos. Quando Se ocupou em pesar os ventos, e em regular a medida das águas, quando fixou as leis da chuva, e traçou um caminho aos relâmpagos, então, Ele viu-a e descreveu-a, penetrou-a e conheceu-a ao fundo. Depois disse ao homem: «O temor do Senhor é a Sabedoria, e fugir do mal é a inteligência».[99]

Não se pode de nenhuma maneira compreender pela razão, de que modo Deus criou todas as coisas, como se ligam entre si e permanecem graças à Sua potência divina e de que maneiras observam fielmente a condição da sua natureza em toda a variação das coisas. Por conseguinte, não tem qualquer força o argumento aduzido pela louquíssima confiança na inteligência. Com efeito, se colhesse o argumento de que, por não entender uma coisa, essa coisa não existe, então não existiria absolutamente coisa alguma, uma vez que é evidente que não se pode entender a causa de absolutamente coisa alguma de quantas foram criadas por Deus. E quanto menos cada coisa se entende, tanto mais se vê que ela foi realizada por deliberação de Deus.[100] Quem entende a sabedoria? Ela é um mistério escondido na vida humana, ou seja, na vida de todos os seres. A semente da sabedoria por natureza não nasce da terra, mas enviada do Céu, por graça e misericórdia de Deus[101] e o homem deve corroborar a confiança na mercê recebida. Na verdade, não se devem impor limites à bondade e sabedoria infinitas de

[99] - Sagrada Escritura, *Job*, cap. 28, vers. 1-28
[100] - Ibidem, pág. 192
[101] - Ibidem, pág. 202

Deus, mas, como os homens figuram Deus à imagem da sua natureza e por esse motivo circunscrevem o Seu poder dentro de estreitíssimos limites e Lhe medem a bondade em conformidade com as suas inteligências, sucede que duvidam frequentemente do Seu poder e não dão qualquer crédito a muitas obras divinas, exatamente por se tratar de prova admirável de imensa bondade e sabedoria de Deus. Os homens duvidam do poder e sabedoria de Deus, como se na verdade alcançassem através da inteligência quão grande se mostrou o poder e a bondade de Deus na criação do mundo, ou como se não pudesse reconhecer-se claramente que, tanto mais uma obra é divina, quanto maior e mais admirável ela se mostrar e superar em larga medida as capacidades da inteligência humana.

A sabedoria é uma oferta a cada homem, mas o seu desenvolvimento para um conhecimento mais amplo e variado, depende da abertura de cada homem a aprendizagem pela educação, pela formação ou pela instrução. A Educação é um meio ou um instrumento através do qual se faz crescer a semente da sabedoria no homem.

Nós podemos admirar a sabedoria de alguém, que se manifesta pelo conhecimento das coisas. Podemos de igual modo, ver que esse homem sábio é capaz de partilhar da sua sabedoria, o conhecimento que adquiriu por meio da educação, formação ou instrução. Mas será incapaz de partilhar a essência de tal conhecimento ou sabedoria, nem emprestar ou oferecer a outro tal conhecimento essencialmente. Pois, é uma dádiva pessoal concedida por Deus. Ali está o mistério da própria sabedoria. Senão vejamos: aquele que se formou academicamente a ponto de adquirir muitos graus: mestrados, doutoramentos, etc., na incapacidade física, na doença, ou quase na morte, não é capaz de deixar como herança o seu conhecimento enquanto bem material para outros usufruírem dele e ou fazerem continuidade deste ou daquele título. Esse homem sábio morre ou parte com a sua sabedoria (conhecimento e inteligência) ao encontro do autor da sabedoria para prestar contas do uso da mesma (se a usou para o bem ou para o mal). Por isso a, sabedoria começa e termina em Deus, o autor de tudo quanto.

# Considerações finais

Eis-nos no final da nossa viagem, onde tivemos ocasião de pensar e refletir no "*mistério da sabedoria"* conforme o título desta dissertação. A Sabedoria passa pela educação. E a palavra "mistério" leva-nos a imaginar algo que nos ultrapassa e, como tal, complexo de entender. A nossa reflexão moveu-se sempre à volta do homem vivente, que busca no seu dia-dia, um conhecimento de si mesmo, dos outros, das coisas e de Deus. «Brilhante é a sabedoria, e a sua beleza é inalterável; os que a amam descobrem-na facilmente, os que a buscam, encontram-na. Ela antecipa-se a dar-se a conhecer aos que a desejam».[102]

Mas, o facto de ser crente não impediu a nossa reflexão filosófica à volta da noção de educação, mais precisamente em torno da educação como possibilidade de construção do *humano* nos homens. Afinal, duas dimensões que nos constituem e que inscrevem as nossas indagações.

A educação, cujo objetivo é conduzir o Homem à sua própria humanidade, contém segundo Kant, dois aspetos: a disciplina e a instrução. A disciplina é a parte negativa da educação. A educação é um processo realizado desde a infância, tornando-se a disciplina negativa porque habitua a criança a suportar o constrangimento das leis, ajudando-a a ultrapassar o seu estado original. A instrução assume a parte positiva da educação, enquanto ação de formar e enriquecer o espírito, pela transmissão do saber e pelo estudo.

Se a finalidade da educação é, aos olhos de todos, o desenvolvimento das capacidades do indivíduo, assim como o aperfeiçoamento da humanidade, considerada no seu conjunto, a determinação dos seus objetivos e dos seus métodos, revela profundas divergências entre os filósofos. Devemos privilegiar o desenvolvimento individual ou a adaptação harmoniosa ao meio social e às suas mudanças? Desta maneira é fundamental a análise das didáticas dos saberes transmitidos, que não somente dos conteúdos a ensinar ou a aprender. Uma didática de saberes nucleares é

[102] - Sagrada Escritura, *Sab*., cap. 6, vers. 12-13

fundamentalmente diferente de uma didática da situação-problema; uma didática de saberes regionais conduz a uma visão do mundo, radicalmente daquela que resulta de uma *pedagogia* da construção de mundos; uma didática do referente, induz uma relação com o dado que uma pedagogia da textualidade subverte. A esse respeito, a escola encontra-se numa situação idêntica à da ciência indutiva à época da crítica poperiana: a lógica da acumulação de saberes que se julgam objetivos, e logo ao abrigo do princípio do menor denominador comum, não é compatível com a conceção de saber pós-metafísica. Não tendo procedido a uma revisão de fundo, do que importa aprender e do que é ensinável, a escola suscita um processo educativo, que cria uma ligação profunda entre conhecimento e transmissão, transformando-se ao contrário do que projeta, no «armazém» de um saber, que a todo o momento, tem de explicar as condições da evidência, e relegando para as margens o saber que efetivamente interessa.[103]

A educação, não deve ser vista só numa perspetiva individualista, porque educar é conduzir uma criança em direção à liberdade e à autonomia, que só se pode conceber num quadro de cidadania. O que está em jogo é a personalidade da pessoa. Por isso, Mounier diz que a pessoa é a origem de todos os valores. E a comunidade (ou pessoa comum) é tão originária como a pessoa: a reciprocidade das consciências é primeira em relação ao sentimento da individualidade. O respeito e a valorização da pessoa, constituem o melhor escudo contra qualquer irracionalismo mortífero e contra qualquer tentação totalitária. O personalismo não é um sistema, mas, é mais uma corrente de pensamento, reunindo personalidades com diversas sensibilidades.[104] A educação conduz a pessoa a um conhecimento de todas as coisas (sabedoria). Por sabedoria entendemos um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber, tanto para a conduta da sua vida quanto para a conservação da sua saúde e a invenção de todas as artes. Isto faz com que o homem supere a sua humanidade limitada, para entrar em sintonia com o divino a partir de coisas criadas.

A educação, visa atingir o mundo das ideias onde se encontra a ciência, a virtude e a felicidade.[105] Podemos considerar por isso, a sabedoria, a arte de bem viver.

---

[103] - Luís Manuel A. V. Bernardo, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pág. 208*
[104] - Ibidem, Pág. 297
[105] - J. H. Barros de Oliveira, *Ob. Cit.,* pág. 100

Por conseguinte, se nem a impiedade, nem a loucura, nem a tibieza podem coabitar com a sabedoria, então, todo o filósofo que se mostra ímpio, louco, ou medroso, jamais alcança algum grau de sabedoria. Porque de facto, é função da sabedoria velar pela vida dos homens.

Se é sábio aquele que vela acertadamente pelos seus interesses, deve considerar-se deveras sábio aquele que, mediante o seu comedimento e ponderação, estabeleceu firmemente a paz no espírito. Ora, isto levou Platão a colocar a sabedoria no acordo da vontade e da razão, pois, a razão tem o olhar posto na verdade e a vontade é impelida na direção do bem. Se a vontade segue a razão, então volve os olhos para os verdadeiros bens e não se desvia da reta senda pelo juízo de nenhum sentido arruinado. Por isso, o amor da sabedoria floresce nos homens comedidos e retamente formados no que toca aos costumes e teor de vida.[106]

Deus é a fonte da sabedoria e ela nasceu no Seu coração e quando criou o mundo e todas as coisas, criou o homem à Sua imagem e semelhança,[107] isto é, igual a Si mesmo, com toda a sabedoria. Deus imprimiu no homem a semente da sabedoria com que o criou, dando-lhe todo o poder de dominar sobre todas as outras criaturas.[108]. Ninguém consegue desvendar esse mistério escondido no próprio homem. Aliás, se o mistério é tudo o que a razão humana não consegue abarcar, então, podemos dizer com convicção que, a sabedoria não depende do homem, porque não a abarca, embora com ela, ele seja capaz de inventar coisas admiráveis, maravilhosas e até misteriosas. Tal inteligência passa pela aceitação da limitação do próprio homem que se abre ao divino que o ilumina a fim de desenvolver a sabedoria nele.

"A sabedoria foi criada antes de todas as coisas, e a luz da inteligência existia antes de todos os séculos".[109]

Foi demonstrado que todas as riquezas da sabedoria se acham reunidas na obra Criadora de Deus. Tudo passa pela educação, formação, instrução e por uma orientação, abertura, aceitação, comunicação, diálogo e partilha para fazer-se desenvolver a

[106] - D. Jerónimo Osório, *Ob. Cit.* Pág. 227
[107] - Sagrada Escritura, *Gn*. cap. 1, vers. 26-27
[108] - Idem, Gn. cap. 1. vers. 28
[109] - Idem, Ecli., cap. 1. vers. 1-10

semente da sabedoria que é dádiva de Deus. Pois, já podemos compreender que a sabedoria não é uma criação nem descoberta do homem, mas sim uma dádiva e mercê de Deus. Por isso, a sabedoria não é algo que se pareça com a verdade, mas sim o conhecimento da própria verdade.[110] Deste modo, não receamos em dizer que, a filosofia é o caminho, é a passagem para Deus, porque é Ele que faz dos sábios, sábios e no final os chama para Si, com toda a sabedoria. E eles partem em resposta, sem poderem partilhar a sua sabedoria, ou conhecimento ou ainda deixá-lo como herança, à semelhança dos bens materiais que ficam.

[110] - D. Jerónimo Osório, *Ob. Cit. Pág. 55*

# Referências bibliográficas


ABREU, Waldir Ferreira de, Damão Bezerra Oliveira e João Batista Santiago Ramos (2011) – *Entre a Educação e Filosofia: Conhecimento, Linguagem e Pensamento,* Belém, GEPEIF (Grupo de Estudo e Pesquisas em Educação, Infância e Filosofia)

AFONSO, José António Martin Moreno (2009)- *Protestantismo e Educação - História de Um Projeto Pedagógico Alternativo em Portugal na Tradição do Séc. XIX*, 1ª edição, Braga, Portugal

AMADO, João da Silva (2001)- *Interação Pedagógica e Indisciplina na aula*, 1ª edição, Portugal

ANTUNES, Maria da Conceição Pinto (2001)- *Teoria e Prática Pedagógica,* horizontes pedagógicas, s/ed., Portugal

ARAÚJO, Joaquim Machado de e Alberto Filipe Araújo (2006)- *Utopia, Cidade e Educação,* horizontes pedagógicas, s/ed., Portugal

AZEVEDO, Joaquim (1999) – *Voos de borboleta - Escola, Trabalho e Profissão*, Asa, 1ª edição, Portugal

BERLO, David K. (2003) – *O Processo da Comunicação-Introdução à Teoria e à Prática*, tradução de Jorge Arnaldo Fontes, 10ª ed., São Paulo

BERTRAND, Yves (2001) – *Teorias Contemporâneas de Educação,* 2ª edição, tradução de Alexandre Emílio, Portugal

BOAVIDA, João (1991) – *Filosofia – do Ser e do Ensinar: Proposta para uma nova abordagem,* 1ª ed., Coimbra INIC, Portugal

_____ . (2010) – *Educação Filosófica - Sete Ensaios*, edição: Imprensa da Universidade de Coimbra, Portugal

BORELLI, Viviane (2005) – *Unisinos, É impossível não comunicar: reflexões sobre os fundamentos de uma nova comunicação, diálogos* - artigo,7 de junho, pág. 71

CARVALHO, Adalberto Dias de (1994) – *Utopia e Educação*, Porto editora, Portugal

_____ (2001) – *Filosofia da Educação: Temas e problemas*, edições afrontamento, Portugal

_____ . ( 2002) – *Sentidos Contemporâneos da Educação*, edições Afrontamento, Porto, Portugal

_____ . (2002)- *Epistemologia das Ciências da Educação*, 4ª edição, edições Afrontamento, Portugal

_____. Coordenador (2006)- *Dicionário de Filosofia da Educação*, porto editora, Portugal

COUTO, Maria João (1998) – "*Relação Educativa Enquanto Comunicacional*", *in Actas do Iº Encontro Nacional da Filosofia da Educação*, Universidade do Minho, Braga

DEWEY, John, (2007), *Democracia e Educação*, tradução de Susana Guimarães, Didática Editora, 1ª ed., Lisboa

DIAS, José Ribeiro (2009) – Educação – *O Caminho da Nova Humanidade*, editora papiro, s/ed., Lisboa

ESCOLA, Joaquim (2011) - *Gabriel Marcel Comunicação e Educação*, edições Afrontamento, Portugal

FREIXO, Manuel João Vaz (2012) – *Teorias e Modelos de Comunicação*, PIAGET - 3ª edição, Lisboa

KANT, Emmanuel (1984) – *Reflexões sobre a Educação*, Paris, Vrin

_____ . (2012) – *Sobre Pedagogia*, Edições 70, París

LEBRUM, Marcel (2008)- *Teorias e Métodos Pedagógicas para Ensinar e Aprender,* s/ ed., tradução de Teresa Serpa, horizontes pedagógicas, Portugal

LUÍS, Manuel A.V. Bernardo (2001) – *Revista da faculdade de Ciências Sociais e Humanas nº 14, ed. Colibri, Lisboa*

MARNOTO, Maria Isabel (Org.) – 1989 – *Didáctica da filosofia*, Universidade Aberta, 1º vol., Portugal

MOUNIER, Emmanuel (1967) - *Manifesto ao Serviço da personalismo* (1967) – *Manifesto ao Serviço do Personalismo,* Morais editora, tradução de António Ramos rosa, Lisboa, Portugal

_____. (1976) *O personalismo* , Martins Fontes, São Paulo, Brasil

OLIVEIRA, José H. Barros (1997) – *Filosofia Psicanálise Educação,* Livraria almandina, Coimbra, Portugal

OSÓRIO, D. Jerónimo (2002) - *Tratado da Verdadeira Sabedoria,* tradução, introdução e anotações de A. Guimarães Pinto, editorial da INCM, Portugal

PEREIRA, Paula Cristina (2000) - *Amor e Conhecimento - Reflexões em Torno de Razão Filosófica*, Porto editora, Portugal

_____ . (2011) – *Condição Humana e Condição Urbana*, edições Afrontamento, Portugal

REBOUL, Olivier (1982) – *0 que é Aprender?*, tradução de Emile Planchard, Livraria Almandina, Coimbra, Portugal.

_____ (2000) - *A Filosofia da Educação,* edições 70, Portugal

RODRIGUES, Adriano Duarte (1990) – *Estratégias da Comunicação*, 1ª edição, Lisboa

ROUSSEAU, Jean-Jacques (1990) – *Emílio*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2 vols

SMITH, W. O. Lester, (1962) – *Educação*, edição em L. Portuguesa, Tradução de Paulo David

SOVERAL, Eduardo Abranches de (1993) - *Educação e Cultura*, 1ª edição, Portugal

WATZLAWICK, Paul e Outros (1967) – *Pragmática da Comunicação Humana*, tradução de Álvaro Cabral, editora Cultrix, São Paulo